



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LUMAN WANDERLEY DE ARRUDA CÂMARA

**O CONFLITO NA SÍRIA E A COBERTURA DA MÍDIA SOBRE O GOVERNO DE
BASHAR AL-ASSAD**

**JOÃO PESSOA
2017**

LUMAN WANDERLEY DE ARRUDA CÂMARA

**O CONFLITO NA SÍRIA E A COBERTURA DA MÍDIA SOBRE O GOVERNO DE
BASHAR AL-ASSAD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof. Dr. Ana Paula Maielo Silva.

JOÃO PESSOA

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C442c Camara, Luman Wanderley de Arruda.
O conflito na Síria e a cobertura da mídia sobre o governo de Bashar Al-Assad [manuscrito] : / Luman Wanderley de Arruda Camara. - 2017.
60 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Ana Paula Maielo, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Relações internacionais. 2. Conflito na Síria. 3. Mídia. 4. Governo Sírio.

21. ed. CDD 327.16

LUMAN WANDERLEY DE ARRUDA CÂMARA

O CONFLITO NA SÍRIA E A COBERTURA DA MÍDIA SOBRE O REGIME DE BASHAR AL
ASSAD

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovado(a) em 15 / 12 / 2017.

Ana Paula Maielo Silva

Ana Paula Maielo Silva /UEPB
Orientador(a)

Filipe Reis Melo

Filipe Reis Melo /UEPB
Examinador(a)

Giuliana Dias Vieira

Giuliana Dias Vieira /UEPB
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Ana Paula, que teve muita paciência e dedicação sobre o tema abordado, me acolheu como orientando mesmo diante de suas ocupações.

Aos meus pais, Luciene Wanderley, Manoel Câmara e familiares, por toda dedicação e incentivo à minha educação, a minha companheira Auda Raquel, pelo apoio e motivação e a minha prima Mariana, que foram os motivos desse estudo ter se concretizado.

Aos meus colegas de curso Aline Cavalcanti, Anderson Melo, André de Oliveira, Pedro Castanheira, Lohana Gabriela e Marcela Vasconcelos ao qual nossa amizade perdura mesmo após o fim do curso.

Um agradecimento em especial ao meu amigo sírio Ammar J. Dormash, um irmão de outra pátria, que me abriu os olhos para a situação na Síria e no Oriente Médio.

E para finalizar, a todos aqueles que me incentivaram direta ou indiretamente, me dando forças para a concluir o curso. Muitíssimo obrigado.

RESUMO

No presente trabalho foi estudado o conflito sírio, através de uma breve análise histórica, levando ao início do conflito em 2011, perdurando até 2017, onde houve enorme atuação midiática sobre eventos que corriam sobre a região e o conflito em si. Dessa forma, utilizou-se a taxonomia de Gilboa sobre os modos de atuação da mídia para entender como essa tem capacidade de influenciar outros atores das relações internacionais a mudar decisões políticas, delimitando a forma como as notícias chegam aos nossos olhos e ouvidos, criando seu próprio discurso. Foram analisados discursos criados pelos portais de notícia Al Jazeera, BBC e CNN, devido ao seu alcance e notoriedade. Assim, ao assumirmos também a mídia como ator internacional, esse estudo analisa a sua interação com as relações internacionais, através de uma análise de discurso pós-estruturalista da mídia para mostrar como é criada uma imagem negativa do governo de Bashar al-Assad, o culpando de todas as mazelas da Síria, construindo um discurso que visa a troca de regime sírio para solução regional e global.

Palavras-Chave: Governo Sírio. Mídia. Relações Internacionais. Conflito na Síria.

ABSTRACT

In the present work the Syrian conflict was studied, through a brief historical analysis, leading to the beginning of the conflict in 2011, lasting until 2017, where there was enormous mediatic activity on events that ran about the region and the conflict itself. Thus, Gilboa's taxonomy was used on the media's ways of acting to understand how it has the ability to influence other actors in international relations to change political decisions, delimiting the way news reaches our eyes and ears, creating its own speech. Speeches created by the news portals Al Jazeera, BBC and CNN were analyzed, due to their reach and notoriety. Thus, by assuming the media as an international actor, this study analyzes its interaction with international relations through a post-structuralist discourse analysis of the media to show how a negative image of Bashar al-Assad's government is created. blaming all Syria's woes, building a speech aimed at shifting Syrian regime to regional and global solution.

Keywords: Syrian Regime. Media. International Relations. Conflict in Syria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da República Árabe da Síria	10
Figura 2 - “Grande Síria” sob o mandato francês.....	12
Figura 3 - Estrutura analítica da pesquisa.....	45
Figura 4 - Processo de ligação.	45
Figura 5 - Processo de ligação e diferenciação.....	46
Figura 6 - Análise dos discursos da mídia.	47
Figura 7 - Processo de ligação entre as identidades do Governo de Bashar al-Assad e da oposição ou rebeldes “moderados”.....	48
Figura 8 - Processo de ligação e diferenciação entre as identidades do governo Sírio e da oposição ou rebeldes “moderados”.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A TRAJETÓRIA SÍRIA ATÉ O CONFLITO	10
3 NOVOS ATORES INTERNACIONAIS E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA.....	18
3.1 A MÍDIA COMO ATOR CONTROLADOR	21
3.1.1 Efeito CNN	22
3.1.2 Teoria do agendamento.....	23
3.2 A MÍDIA COMO ATOR CONSTRANGEDOR.....	24
3.3 A MÍDIA COMO ATOR INTERVENTOR	25
3.4 A MÍDIA COMO ATOR INSTRUMENTAL	26
3.5 A MÍDIA COMO ATOR CONFLITUOSO.....	26
4 ANÁLISE DE DISCURSO PÓS ESTRUTURALISTA.....	29
5 ANÁLISE DE DISCURSO DAS NOTÍCIAS SOBRE A SÍRIA NO MODELO DE HANSEN	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Nas relações internacionais ainda existe uma forte influência positivista das teorias *mainstream*, isso geralmente impacta na maioria das decisões de política externa dos Estados. Esta realidade vem apresentando mudanças significativas com o passar do tempo e também devido à proliferação de diversos outros atores importantes, que estão ficando cada vez mais relevantes no cenário internacional.

Com a chegada do século XX, veio junto uma revolução tecnológica e informatização dos meios de comunicação social, que criaram redes internacionais, propiciando o surgimento de grandes conglomerados da mídia. Alterando a configuração passada na qual, a atuação política, econômica e social ficava quase que exclusivamente na mão dos Estados soberanos, trazendo assim o surgimento de novos atores internacionais. Esses novos atores têm o poder de influenciar a engrenagem do sistema internacional, sejam elas de cunho social, econômico ou político.

Dessa forma, esse estudo busca destacar a função da mídia, que tem atuado não apenas como divulgadora dos fatos que ocorrem ao redor do mundo, como também tem o poder de influenciar decisões políticas e sociais no âmbito internacional. Portanto este trabalho visa analisar o papel da mídia na construção de uma imagem negativa de Bashar al-Assad durante o atual conflito na Síria. Esse objetivo foi construído com base na premissa de que a imagem de Bashar al-Assad por parte da população síria não condiz com a imagem negativa que a mídia quer propagar para a comunidade internacional como sendo representativa da população síria.

Essa premissa foi formulada com base nos resultados das eleições presidenciais realizadas em 2014 e, por fim, com base em fontes secundárias, como artigos e/ou as obras de atores diversos. O presente estudo ainda utiliza da taxonomia de Gilboa que nos fornece uma ferramenta importante para analisar a mídia como um ator central no conflito da Síria, e, particularmente, como vetor na vilanização da figura e/ou imagem de Bashar al-Assad.

Para analisar a construção negativa da imagem de al-Assad pela mídia, iremos analisar os discursos das mídias CNN, BBC e Al Jazeera. Mais especificamente, escolhemos múltiplos eventos e que foram maciçamente divulgados pela imprensa internacional, sendo feita uma análise dos eventos começando por 2011 até 2017, os quais foram descritos como diversas acusações de ataques pelo governo contra civis, contra a oposição e os rebeldes, ainda acusações contra a Rússia por apoiar o governo, tão bem quanto ataques pessoais à imagem de Bashar al-Assad.

Para o método de análise foram selecionados três métodos de busca nos respectivos portais, em que as palavras-chaves usadas foram: *Bashar al-Assad*¹, *Syrian Regime*² e *Syrian Conflict*³. A partir das buscas feitas nesses portais, foram analisadas cerca de cem matérias e notícias de cada portal. Não se teve como mensurar a quantidade de notícias existentes sobre a Síria em cada mídia analisada, visto que há uma diversidade enorme nos modos de se procurar notícias sobre o conflito, podendo cada palavra variar o modelo de busca. Sendo assim, restringiu-se a análise aos eventos que tiveram relação ao conflito selecionando o período entre 2011 e 2017 a serem estudados pelo método de análise pós-estruturalista.

Será utilizada a análise de discurso pós-estruturalista baseada em um modelo teorizado e construído por Lene Hansen, com intuito de compreender e avaliar a forma com que esses três grandes portais de notícia internacionais retratam as notícias na Síria e a imagem de Bashar al-Assad em seus respectivos canais, analisando assim os seus discursos em paralelo para notar as similaridades em seus discursos.

A produção desse estudo se utilizou da pesquisa documental e bibliográfica. Essa pesquisa bibliográfica foi feita a partir de material já existente, das quais se constituem de artigos científicos, livros, portais de notícia das mídias selecionadas, jornais e dentre outros, que tratam especialmente sobre os temas relacionados nesse estudo, principalmente sobre os novos atores internacionais, a interação entre mídia e relações internacionais, capacidade de influência da mídia, o conflito na Síria e análise de discurso da mesma.

A pesquisa documental foi necessária para analisar, por meio de artigos e notícias sobre a Síria no período delimitado já citado acima, com discursos proferidos por importantes oficiais de estado e propagados pela mídia, tão bem como o uso das fontes utilizadas pela mídia para explicar os eventos na região, também a forma com que a mesma seleciona e divulga as informações relacionadas sobre o conflito Sírio.

¹ Nome do atual presidente Sírio.

² Regime Sírio.

³ Conflito Sírio.

2 A TRAJETÓRIA SÍRIA ATÉ O CONFLITO

A República Árabe da Síria consiste em um país presidencialista, que se encontra no continente asiático, localizado no Oriente Médio, limitando-se a oeste, pelo Líbano e pelo mar Mediterrâneo; a norte, pela Turquia; ao sul, pela Jordânia e por Israel; e a leste pelo Iraque, conforme a Figura 1, correspondente ao mapa da Síria.

Figura 1 - Mapa da República Árabe da Síria



Fonte: <https://www.britannica.com/place/Syria>. 2016.

Sua extensão territorial é de 185.180 km², se estendendo ao longo da costa mediterrânea por uma planície que tem cerca de 30 km de largura que termina na cordilheira de Jabal an-Nusayriyah. Ao Sul, tem-se o Antilíbano, que abriga o ponto mais alto do país, o monte Hermon, de 2,8 mil metros de altitude. No Sudoeste ficam as colinas de Golã, região que foi ocupada por Israel após o conflito de 1967. Quase todo o restante do território é formado por um planalto que, no Nordeste, compreende o vale do Eufrates. Ao Norte desse rio se estende a planície de al-Jazirah. O Sudeste é formado pelo deserto da Síria. Possui como suas principais cidades Aleppo, Hamah, Homs e Damasco, a atual capital (U.S. Library of Congress, 2017)⁴.

⁴ Tradução própria.

Sua população é constituída de aproximadamente 18,5 milhões (2016, número reduzido devido ao conflito e refugiados) de habitantes (World Statistics Pocketbook/United Nations Statistics Division. 2017). Os sunitas constituem 74% da população espalhados por todo o país. Outros grupos muçulmanos, incluindo Alauitas, Ismaelitas e Xiitas, juntos, constituem 13%. Os Drusos representam 3% da população. Vários grupos cristãos constituem os 10% restantes, embora existam estimativas de que a população cristã, pode ter caído para 8%, em grande parte devido à migração. Esse movimento aumentou ao longo do ano devido à violência do conflito, e dificuldades econômicas. (United States Department of State, 2011). Devida tamanha diversidade cultural, sempre consistiu em polo de diversos conflitos, acerca desses fatos, Klester Cavalcanti (2012), relata o seguinte:

Há registros de conflitos em terras sírias desde 3000 aC. Durante os últimos cinco milênios, o comando do país já esteve nas mãos dos sumérios, dos faraós egípcios, de bizantinos, romanos, otomanos, de Alexandre, o Grande, dos árabes, dos franceses, entre outros povos. E cada nova conquista era precedida de batalhas. Além da disputa territorial sempre houve conflitos étnicos e religiosos. Foi à custa de sangue que a Síria se tornou um país de língua árabe e de maioria muçulmana – cerca de 90% de seus 22 milhões de habitantes. Nesse contexto, o império ou a etnia que chegava ao poder beneficiava, política e economicamente, seu povo (CAVALCANTI, 2012).

Desde o início da Primeira Guerra Mundial em 1914 até a concessão do mandato da França sobre a Síria pela Liga das Nações em 1922, a região foi marcada por uma sequência complicada de eventos e políticas de poder durante as quais os sírios conseguiram um breve momento de independência, porém, cheios de instabilidades. Os intelectuais sírios, muitos deles graduados em universidades europeias e/ou norte-americanas, instigaram o estudo da história, literatura e língua árabes. Além disso, grupos de sírios exigiram publicamente a descentralização da administração otomana e da reforma administrativa. Enquanto os governadores otomanos, como Jamal Pasha, os reprimiam, os sírios entravam na clandestinidade e exigiam completa independência árabe (U.S. Library of Congress, 2017)⁵.

Embora a Grã-Bretanha tivesse prometido reconhecer "um Estado árabe independente ou uma Confederação de Estados Árabes" no acordo Sykes-Picot⁶ de 16 de maio de 1916, o mesmo não se concretizou, enquanto que na Declaração Balfour de 1917⁷, prometeu aos sionistas um "lar nacional" na Palestina. As duas promessas estavam em conflito direto. A terceira força foi a determinação da França de permanecer como um poder no Oriente Médio.

⁵ Tradução livre.

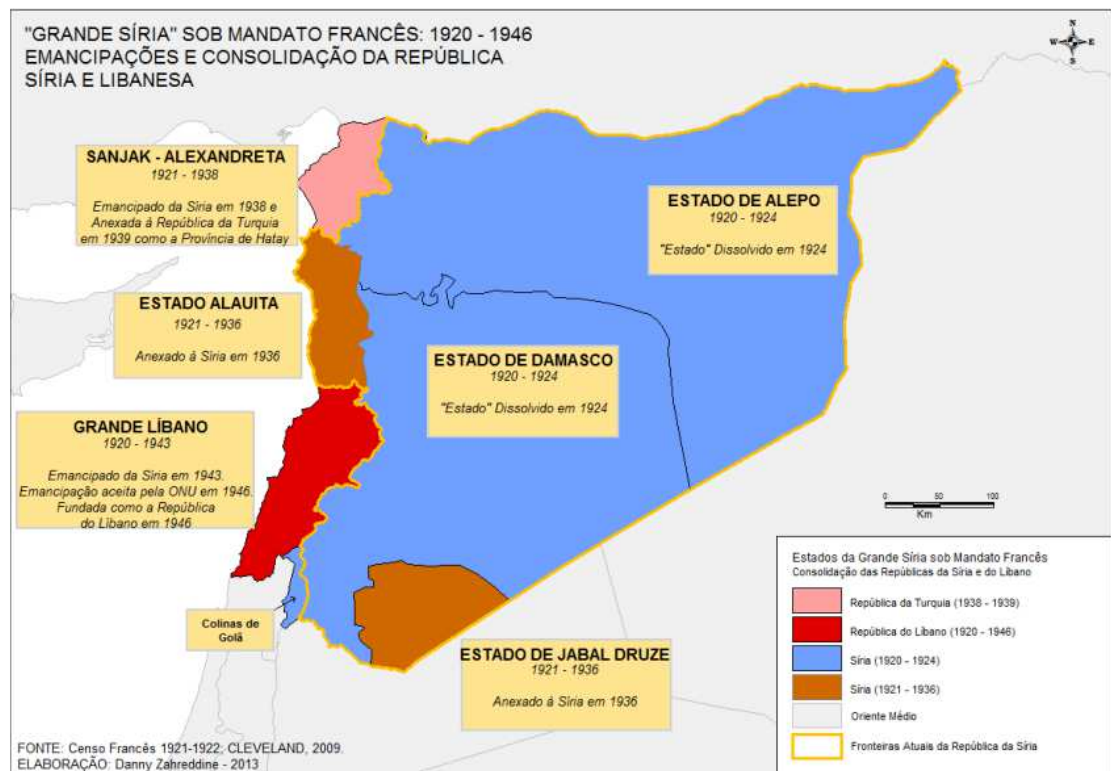
⁶ Acordo que estabeleceu a partição antecipada do espólio do Império Otomano no Oriente Médio, dois anos antes do fim da Primeira Guerra Mundial.

⁷ Na chamada Declaração de Balfour, de 2 de novembro de 1917, o governo britânico dá aos representantes do judaísmo sionista apoio para a constituição de uma "pátria nacional" judaica na Palestina.

No início da guerra, os franceses, britânicos, italianos e russos haviam se reunido secretamente para decidir o destino das terras árabes. Neste acordo, assinado apenas seis meses depois de os britânicos terem prometido vagamente a Husayn um reino árabe, a Grã-Bretanha e a França concordaram em dar à influência francesa a região que se tornou a Síria e o Líbano; os britânicos teriam predominância no que se tornou Transjordânia e Iraque (U.S. Library of Congress, 2017)⁸.

Seguindo a lógica de “dividir para conquistar”, as autoridades francesas dividiram o território em seis entidades políticas, cinco na Síria e um no Líbano, tomando como critério as divisões étnico-religiosas das populações locais: Estado Alauíta (alauítas), Estado de Alepo (árabes sunitas), Estado de Damasco (árabes sunitas), Grande Líbano (cristãos maronitas e outras minorias), Jabal al-Druze (drusos) e Sandjak de Alexandreta (turcos sunitas) (FUJII, 2015). A Figura 2, ilustra a os conflitos políticos na Síria, durante o mandato francês.

Figura 2 - “Grande Síria” sob o mandato francês.



Fonte: Censo Francês 1921-1922; Cleveland, 2009.⁹

⁸ Tradução Livre.

⁹ Apud Danny Zahreddine. Revista Conjuntura Austral. ISSN: 2178-8839. Vol. 4, nº. 20. Out. Nov 2013.

De acordo com Zarehddine (2013), os franceses tinham o intuito de desarticular movimentos nacionalistas mais robustos que pudessem pôr em risco os projetos da potência mandatária. Em maioria e tendo historicamente constituído a classe dominante na região, sendo assim em um primeiro momento, os franceses tentaram propiciar às lideranças sunitas urbanas mais espaço político, devido seu caráter moderado. Porém, o receio do fortalecimento dos sunitas na Síria, em detrimento das demais minorias (principalmente cristãs) e da presença francesa, levou à divisão da área de predominância sunita em duas províncias distintas (Alepo e Damasco).

Nesse processo, os Alauítas¹⁰, que no período otomano eram os camponeses mais numerosos e os mais pobres da Síria, trabalhando para proprietários sunitas e cristãos nas regiões montanhosas e em Latakia, ao pé das montanhas Alawite, foram particularmente beneficiados pela ocupação francesa durante o mandato, pois por serem considerados minorias pelos franceses. Os mesmos achavam que os alauítas se distanciariam da ideologia política dominante em cidades, como o nacionalismo árabe. Mesmo assim o domínio francês foi opressivo, com quase todos os traços da vida síria ficando sob controle francês (FILDIS, 2012).

Após a independência, existiram períodos difíceis e cheios de dúvidas, houve uma série de incidentes, marcados por várias tomadas de governo, além de tentativas malsucedidas, que abalaram a Síria de 1949 a 1970, sempre marcados por inúmeros golpes de estado, como o caso da primeira eleição livre na Síria do presidente Shukri al-Quwatli escolheu uma posição de neutralidade, no sentido de não querer escolher um lado na Guerra Fria. Como observa Bandeira (2016), esse fato não agradou à administração do presidente norte-americano Dwight Eisenhower, em plena Guerra Fria contra a União Soviética. Assim foi organizado um golpe por forças militares que tomaram posse, e levaria a região a um período de instabilidade que duraria décadas, até a chegada de Hafez al-Assad, pai de Bashar.

Como analisa Blum (2003), a Síria não estava se comportando como Washington pensou que um governo do Terceiro Mundo deveria. Por um lado, foi o único estado na área a recusar todas as assistências econômicas ou militares dos EUA. Damasco não se importava muito com os compromissos que viriam anexados, como a aceitação da ajuda militar geralmente significando a presença de conselheiros militares e técnicos americanos.

Na Guerra dos Seis Dias contra Israel, em 1967, uma vasta porção de suas terras foi aniquilada, e os israelitas invadiram os Montes Golã. Desta forma estruturou-se entre os

¹⁰ São uma minoria religiosa muçulmana, ligada ao ramo xiita, com forte devoção à Ali, genro e primo do Profeta Maomé, considerado pelos xiitas como o primeiro Califa *Rashidun*, ou, “O Bem Guiado” (SEDDON, 2004).

habitantes da Síria um sentimento de aversão a Israel. Assim, não surpreende que tantos palestinos exilados residam na Síria, completamente adaptados à sua vida social.

De acordo com Babel Hajjar (2016) em 1970, o general da Força Aérea, Hafez al-Assad se torna o presidente da república, com grande concentração de poderes. Foi na longa gestão de Hafez al-Assad que a Síria deixou para trás os anos de instabilidade e entrou em um processo de modernização acelerado, seguindo um modelo econômico do tipo rentista que se torna possível a partir de 1968 com a subida dos preços do petróleo. A estabilidade do governo de Hafez al-Assad se deve a fatores econômicos e políticos. Sobre o governo de Hafez al-Assad, Zahreddine (2013), afirma que:

Hafez al-Assad era de uma família modesta e fazia parte de uma minoria religiosa na Síria, os Alauítas. Este caráter minoritário sempre esteve presente no seu governo, pois constantemente buscava formas de governabilidade que permitisse a ascensão socioeconômica e política de sua minoria (os Alauítas), bem como dos cristãos e Drusos, em detrimento da maioria Sunita. (ZAHREDDINE, 2013)

Em troca do apoio russo, a Síria concedeu seu litoral para o estabelecimento de uma grande frota naval soviética no porto de Tartus, fazendo com que o país se tornasse mais importante ainda para a URSS (TOMÁS, 2014). As relações estreitas com a União Soviética e com o Irã, e o apoio às ações do grupo Hezbollah¹¹ (sediado em território libanês), contra Israel, fizeram com que a Síria atraísse ainda mais animosidade crescente dos EUA, que incluíram o país no rol das nações do “Eixo do Mal”.

Como é observado por Raymond Hinnebusch (2009), a Síria estava imbuída de um poderoso sentimento de queixa causada pela divisão forçada da Síria histórica (*bilad al-sham*, também conhecido como *a grande Síria*) pelo imperialismo ocidental e a criação de Israel no território geográfico do sul da Síria. A identidade nacionalista árabe da Síria, levando-a a apoiar as operações *fedayeen*¹² palestinas contra Israel, foi um fator-chave para provocar a guerra árabe-israelense de 1967, na qual Israel invadiu as colinas de Golã, na Síria. Desde então, todo o comportamento da política externa síria tem girado em torno da recuperação do Golã. Trata-se de uma questão de honra nacional e legitimidade do governo.

De acordo com Yasmim Mohhamed (2016) sobre o conflito árabe-israelense, Hafez al-Assad, e mais tarde, Bashar conduziram a mesma política que visa a recuperação das Colinas de Golã e o patrocínio das negociações árabes com Israel. O nacionalismo árabe e a não aceitação em ceder territórios a Israel é o que predominou até 2008, quando ocorreram

¹¹ São considerados um grupo terrorista por Israel e EUA.

¹² Seriam guerrilhas ou militantes de orientação nacionalista dentre o povo palestino.

tentativas fracassadas de negociações oficiais com Israel. Desse modo, as “cartadas” diplomáticas realizadas por Hafez e Bashar al-Assad os legitimou no poder, já que sempre mantiveram o apoio à questão palestina, além de Bashar ter sido contrário à ingerência norte-americana sobre a região palestina o que elevou a sua popularidade no mundo Árabe, por ir contra os avanços israelenses e norte-americanos na região. As Colinas de Golã são estratégicas para Israel, pois dá acesso às principais fontes de água doce e de agricultura para o país israelense. A comunidade internacional considera da República Árabe Síria o território das Colinas de Golã e que a ocupação israelense é ilegal de acordo com as Nações Unidas.

Hinnebusch (2009) ainda fala que para se compreender a Síria é importante perceber a sua sensação de insegurança. É um pequeno Estado cercado por vários poderes fortes que, em um momento ou outro, tem sido uma ameaça na perspectiva desses países. Historicamente, suas fronteiras foram violadas, a mais recente por Israel e pelos EUA. A Síria agora é pressionada entre Israel no Ocidente e os EUA no Oriente (Irque). Como tal, a Síria continua a perceber uma ameaça do que se mostra como um imperialismo ocidental, uma visão que tem sido repetidamente reforçada.

Como observado por Hinnebusch (2009), quando Hafez morreu e seu filho assumiu em 2000, o establishment, temeroso de instabilidade, estabeleceu-se em Bashar al-Assad. O autor diz:

As an Assad, he reassured the Alawis; would not likely betray his father’s heritage. Yet he was popular, being seen as uncorrupted and a modernizer, with the public, especially the younger generation.”¹³ “When taking office, he spoke of the need to improve and modernize the economy, education and the administration. He also raised expectations of political change by emphasizing ‘democratic thinking’ and ‘the principle of accepting the opinion of the other’.¹⁴ Hence, he represented both continuity and change. Yet, initially lacking a personal power base and inheriting a state constructed by his predecessor meant he had to share power with several power centres that surrounded the presidency. (HINNEBUSCH, 2009, p. 12)¹⁵.

¹³ Apud David Lesch, *The New Lion of Damascus: Bashar al-Asad and Modern Syria*, New Haven: Yale University Press, 2005.

¹⁴ Apud Volker Perthes, *Syria under Bashar al-Asad: Modernisation and the Limits of Change*, Adelphi Papers, London: Oxford University Press for IISS, 2004.

¹⁵ Como um Assad, ele tranquilizou os alauítas; de que não trairia a herança de seu pai. No entanto, ele era popular, sendo visto como não corrompido e um modernizador, com o público, especialmente a geração mais jovem. "" Ao assumir o cargo, ele falou sobre a necessidade de melhorar e modernizar a economia, a educação e a administração. Ele também levantou expectativas de mudança política enfatizando o "pensamento democrático" e "o princípio de aceitar a opinião do outro". Por isso, ele representou continuidade e mudança. No entanto, inicialmente faltando uma base de poder pessoal e herdando um estado construído por seu antecessor significava que ele tinha que compartilhar o poder com vários centros de poder que cercavam a presidência. (HINNEBUSCH, 2009, p. 12, tradução própria).

Na arena internacional, Bashar continuou com a política estratégica de seu pai, fortalecendo as alianças com o Ocidente. No que tange aos EUA, Bashar soube ser pragmático, fornecendo informações sobre terroristas da Al Qaeda para a CIA. De acordo com a análise de Hinnebusch (2010), na década de 1990 sob o governo de Hafez, os EUA tentaram arbitrar um acordo de paz entre a Síria e Israel, entretanto, fracassado. Com a chegada de Bush no governo dos Estados Unidos e de Ariel Sharon do partido radical *likud*¹⁶ em Israel, tornou a situação de um acordo entre Síria e Israel mais complicada, por ambos terem como objetivo criar sanções econômicas contra a Síria. Sendo assim, ocorreram uma série de ações contra a Síria como tentativa de isolá-la politicamente, além da crise libanesa, quando acarretou a retirada do exército sírio do Líbano devido em grande parte à pretensão norte-americana de criar inimizades para a Síria. Embora a conjuntura regional ter sido difícil, Bashar soube driblá-la, fortalecendo a economia doméstica e realizando reformas estruturais no setor político e econômico, através da criação de alianças com países estratégicos como a Rússia e a China (MOHAMMED, 2016).

A Guerra do Iraque (2003) tornou os Estados Unidos um ator que interveio diretamente na política do Oriente Médio e contribuiu para as mudanças na geopolítica da região. O posicionamento sírio contrário à Guerra do Iraque (2003) apresentou o comportamento político de Bashar até mesmo mais “radical” ou “menos pragmático” do que propriamente seu pai, desafiando a hegemonia mundial e enfrentando as possíveis consequências de ter se oposto aos EUA naquele momento. Nesse sentido, Bashar ganhou recompensas políticas por esse ato, tornando-se um popular líder árabe e com uma opinião pública internacionalizada. No entanto, alguns países árabes não se simpatizaram com a conduta de Bashar, o que repercutiu, hoje, no apoio da Arábia Saudita, Catar, Jordânia e Egito (sob o mandato de Mohamed Morsi que governou entre 2012-2013) à Coalizão Nacional Síria que representa a oposição política e armada em relação ao governo de Bashar al-Assad (idem).

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder na Rússia, houve o retorno das fortes relações até então estagnadas. A Síria é um aliado confiável para os russos do ponto de vista político no Oriente Médio. A importância da Síria economicamente para a Rússia é evidente, devido às rotas comerciais que unem a Europa com países do sul, sudeste e leste asiático que apresentam um desenvolvimento econômico contínuo. Além disso, a importância política e

¹⁶ Partido *Likud* é um partido político de Israel, que congrega o Centro-direita e a direita conservadora. Foi criado em 1973, como uma coligação liderada pelo partido Herut que representa os sionistas conservadores. Seus fundadores foram Ariel Sharon e Menachem Begin.

estratégica para Moscou, visto que a região árabe influencia a segurança interna da Rússia com as correntes islâmicas extremistas que causam ataques no Cáucaso (LAWSON, 2013).

Algumas reformas políticas foram realizadas nos últimos anos sob o governo de Bashar na Síria, mas não foram suficientes para impedir as manifestações da população civil que começaram na cidade de Deraa, ao sul, e que se espalharam por todo o país. Foi então a partir da Primavera Árabe que se irrompeu na Tunísia, em dezembro de 2010, espalhando-se rapidamente pelo mundo árabe, que começaria os conflitos na Síria. Foram então espalhadas notícias e vídeos informando que o governo começou a reprimir fortemente as manifestações atirando nas pessoas que estavam nos protestos.

De acordo com a mídia estudada neste trabalho, os movimentos começaram com manifestações pacíficas que defendiam diferentes pautas, destacando as reivindicações com caráter socioeconômico e as que giravam em torno de reformas democráticas. Logo após isso, a agenda predominante mudou e os manifestantes passaram a querer o fim do governo al-Assad, independentemente do futuro e do que cada grupo defendia para uma saída de Assad. Filho de Hafez al-Assad, o presidente Bashar al-Assad mantém seu governo desde que subiu ao poder em 2000, apesar de sinais de liberalização do governo que o mesmo emitiu no começo de seu governo (FUJII, 2015).

O dilema de segurança regional e global foi afetado diretamente com a guerra na Síria devido à radicalização de *jihadistas*¹⁷ que aproveitaram o momento frágil da região, principalmente na Síria e no Iraque. O conflito representa interesses globais; não tem sido levada em consideração a opinião pública do povo sírio, isso levando-se em conta as eleições de 2014, em que Bashar foi eleito com imensa maioria dos votos. Nesse contexto, a disputa entre os Estados Unidos e a Rússia pela zona estratégica que a Síria representa devido à passagem de gás natural e petróleo pelo território agravou mais a violência. O novo espaço geográfico, estratégico e energético que abarca Irã, Iraque, Síria e o Líbano é o centro espinhal do conflito, que tem como pano de fundo a diferença etno-confessional interna. (MOHAMMED, 2016).

¹⁷ Jihad é um termo árabe que significa “luta”, “esforço” ou empenho. É muitas vezes considerado um dos pilares da fé islâmica, que são deveres religiosos destinados a desenvolver o espírito da submissão a Deus. O termo jihad é utilizado para descrever o dever dos muçulmanos de disseminar a fé muçulmana.

3 NOVOS ATORES INTERNACIONAIS E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Os estudos e análises sobre a mídia como um novo ator internacional não são novidade, no sentido do seu reconhecimento. Porém os estudos clássicos das Relações internacionais ainda abordam a mídia de forma restrita. Sendo a mídia na maioria das vezes inserida através do conceito de *Soft Power* (poder brando), proposto por Joseph Nye, em 1990, que buscava descrever uma das dimensões de poder do Estado. Porém é necessário reavaliar as interações midiáticas com o meio internacional, visto que sua influência só aumentou com o passar dos anos. Isso é notável através de uma amostra de como os portais de notícias internacionais, e redes de TV e internet All News¹⁸ transmitiram os acontecimentos da guerra no Iraque e como mantêm a transmissão do conflito na Síria, que perduram até hoje no ano de 2017.

Esse estudo propõe repensar o conceito de ator internacional, como tradicionalmente abordada pelas RI e advogar pela necessidade de considerar o reconhecimento da entrada de novos agentes nesse cenário internacional. Em outras palavras questiona-se o modelo estruturado de Vestfália, que tem os Estados como ator principal. O foco desses novos atores é a mídia, que nesse trabalho está sendo analisada como referência aos meios de comunicação de massa e transmissão de informação. Também é apresentada a taxonomia de Eytan Gilboa, ao qual classifica diferentes níveis de influência que a mídia pode ter e desempenhar no cenário internacional. Também há contribuições da teoria construtivista adotadas como o referencial teórico para a presente pesquisa.

Grande parte das concepções adotadas pelos estudiosos da área das Relações Internacionais baseiam-se em uma visão racionalista, na qual, prioritariamente, o Estado é ator principal das relações internacionais, não dando muita relevância ou protagonismo para outros atores, reconhecendo sua existência mas pouco falando sobre sua relevância em comparação com o estado no âmbito internacional.

Assim Valente (2007) traz o preceito de que os estados contemporâneos sempre vão buscar um desejo de “poder”, podendo este ser econômico ou político. Mas isso não é exclusivo dos estados, Aron (2002), enxerga a revolução da informação e comunicação como instrumento para conservar, expandir ou conquistar poder no âmbito internacional, ao mesmo tempo que alguns autores alegam que esses novos meios de informação e a mídia estão prejudicando a capacidade decisória dos Estados em relação ao meio internacional, dificultando suas escolhas.

¹⁸ Seriam as redes de televisão de grande porte e com grande alcance, que funcionam vinte quatro horas por dia, sete dias da semana enviando notícias sobre o mundo todo.

Assim como explica Marques (2008) sobre o âmbito das relações internacionais:

O modelo de Vestfália, baseado no sistema de Estados soberanos preocupados tão somente com questões de segurança internacional, enfraqueceu e em seu lugar surgiu um emaranhado de relações muito mais complexas. Neste contexto, o Estado deixou de ser o único ator internacional e passou a dividir o palco das relações internacionais com outros atores. (MARQUES, 2008)

O sistema político mundial atual se caracteriza pelo exponencial aumento no número e importância de atores não estatais que estão ficando cada vez mais relevantes no cenário mundial. Devido a crescente participação das entidades não estatais na política mundial, desafiou-se diversos pressupostos feitos pelas abordagens tradicionais das Relações Internacionais, que costumavam priorizar a figura dos Estados como as únicas, ou mais relevantes unidades do sistema internacional. Questões de segurança e defesa, começaram a dar espaço ao surgimento de novos temas relevantes para a agenda internacional como questões ambientais, questões culturais e sociais, além da emergência de novos atores como movimentos sociais, organizações não governamentais (ONGs), empresas transnacionais e a mídia.

Um conceito para ator internacional que foge às concepções clássicas das RI, é o cunhado por Papisca (1973, p. 154 apud Oliveira 2010, p. 30). Este autor afirma que os atores internacionais “contribuem com sua capacidade de influir de modo direto e, eficazmente, sobre o comportamento dos sistemas políticos nacionais”. Para Oliveira (*ibidem*) ator internacional seriam “todos aqueles que participam das relações internacionais e da dimensão dinâmica da sociedade internacional”. Nesta acepção, pode-se incluir a mídia como ator internacional devido a sua influência, o que será demonstrado também, mais a frente, pelo modelo criado através da taxonomia de Gilboa.

De acordo com Raquel Marinucci (2008, p. 45) os estudos das relações internacionais muito devido à influência da academia norte-americana, evidenciaram por muito tempo as pesquisas sobre “*hard power*”¹⁹, destacando questões de segurança, armamento e defesa. Portanto, o seu oposto, o “*soft power*”²⁰, é voltado para a atração no lugar da coerção, reconhecido por boa parte dos estudiosos apenas como uma perspectiva auxiliar, funcionando como mero coadjuvante e não protagonista das teorias de Relações Internacionais. As pesquisas sobre *hard* e *soft power* foram analisadas por Joseph Nye (2004, p. 5).

¹⁹ É o poder rígido (tradução própria), seriam os efeitos que são percebidos mais facilmente, pois estão associados à forma mais concreta de poder, como ocorre com o emprego da força bruta ou por meio de sanções políticas e econômicas, diz respeito aos poderes tradicionais como o militar coercitivo.

²⁰ É o poder brando (tradução própria), a arte de induzir o outro a fazer o que você deseja, através da atração. *Ibid.*

Nye faz uma observação de que a utilização de poder militar apenas, não seria suficiente ou possível alcançar o domínio da política mundial no século XXI. Para o autor novas ameaças surgem a cada dia no cenário das relações internacionais, portanto a melhor forma para lidar com elas é através do *soft power*. Ele cita a figura dos Estados Unidos para denotar a importância com a qual deve ser tratado o *soft power*. Ele lembra a impopularidade que atingiu os norte-americanos e como foram mal vistos no cenário mundial por utilizar de excesso do *hard power*.

Durante um longo período a mídia foi tratada apenas como *soft power*, isto é, era apresentada como ator periférico nas relações internacionais, jamais reconhecido como protagonista das teorias das RI. Porém atualmente, devido as transformações dos meios de comunicação, esses novos atores, embora continuem sendo analisados pelo critério do *soft power*, passaram a conquistar maior relevância e protagonismo, principalmente entre os teóricos das RI.

Os meios de comunicação e informação detêm um grande peso na construção e disseminação da “realidade” internacional. Porém também é importante destacar que atualmente os meios de comunicação se desenvolveram como atores de dispersão de informação. Portanto, quando utilizada para se chegar a um objetivo, tanto político como de outra natureza, a mídia torna-se uma ferramenta muito útil e altamente prezada pelo Estado.

A mídia fornece informações e, ao mesmo tempo, forma o processo de aprendizagem das pessoas sobre o mundo, de modo que os meios de comunicação de massa têm uma influência correspondentemente grande na imagem individual do mundo. Neste contexto, os meios de comunicação se tornam ferramentas importantes para definir a identidade "em grupo" contra a identidade de "fora do grupo" com base em representar uma série de contrastes e oposições. Dessa forma os pontos de vista dos outros são vitais nas relações internacionais em termos de construção de aliados e inimigos do estado. Em outras palavras, a mídia ajuda a construir a realidade da política internacional.

Camargo (2008, p.41) observa que é necessário ressaltar que a atuação da mídia no cenário internacional se diferencia dos demais atores. Enquanto esses outros atores têm identidades mais constantes, com interesses fundamentados em tradições e se comportando de uma maneira segundo a qual se observa certa previsibilidade, por outro lado, considera-se a mídia como um ator de várias faces, cuja figura depende do tipo de veículo, da direção do meio de comunicação e do contexto no qual se está inserido. Portanto, não é possível firmar uma identidade fixa e constante da mídia em relação ao cenário internacional.

A problematização desse atributo variável da mídia é refletida por Gilboa (2002). Ele criou uma taxonomia que mostra os papéis da mídia, vista como ator, consoante suas diferentes características, tipos de atividades, conceitos e contextos. Assim, de acordo com o modelo construído pelo autor, a mídia pode operar de quatro maneiras de acordo com sua atuação e capacidade de influência: de forma controladora, constrangedora, interventora e instrumental.

A pesquisadora brasileira, Julia Faria Camargo em 2009 formulou uma quinta forma de mostrar a influência da mídia: o ator conflituoso. Após a constatação do crescente papel da mídia nas decisões de política externa, é importante destacar que isso acontece em diferentes níveis, os quais Gilboa (2002), resumiu através de uma taxonomia conforme mencionada anteriormente. A tabela abaixo resume para cada tipo de ator (forma como a mídia atua), as suas respectivas atividades, seu contexto de atuação e o conceito cunhado.

Tabela 1 - Taxonomia dos tipos de atores, atividades e contextos e conceitos da mídia. Baseado em Gilboa (2002, p. 733) e acréscimo do conceito do ator conflituoso defendido por Julia Faria Camargo.

Tipo de Ator	Atividade	Contexto	Conceito
Controlador	Substitui a tomada de decisão	Intervenção em crises humanitárias	Efeito CNN (<i>CNN effect</i>)
	Controla os temas da agenda política	Criação de políticas	Teoria do agendamento (<i>agenda setting</i>)
Constrangedor	Constrange a tomada de decisão	Processo de tomada de decisão	Política em tempo real
Interventor	Mediadores	Mediação internacional	Crises Políticas
Instrumental	Promove negociações e acordos	Resolução de conflitos	Diplomacia midiática
<i>Conflituoso</i> ²¹	<i>Provoca Conflitos</i>	<i>Situações de crise</i>	<i>Conflitos midiáticos</i>

Fonte: Adaptação a partir de: GILBOA, Eytan. Global Communication and Foreign Policy. Journal of Communication; dez., 2002; v.52, n.4; p. 733.

3.1 A mídia como ator controlador

²¹ Conceito acrescentado por Julia Faria Camargo em: CAMARGO, Julia Faria. **Mídia e Relações Internacionais:** lições da invasão do Iraque em 2003. Curitiba: Juruá, 2009, p. 44.

De acordo com Oliveira (2010, p.162), “A transmissão diária de imagens e discursos segundo essa teoria pode influenciar diretamente o processo de tomada de decisões políticas, sendo que essa influência pode atingir e, por vezes, alterar a própria agenda política”. Portanto ele analisa a mídia enquanto ator controlador e pressupõe que os meios de informação e comunicação tomam o lugar dos tomadores de decisão nas questões políticas, principalmente, daquelas que envolvem as chamadas intervenções humanitárias que envolvem ações militares. Dessa maneira pode se encontrar dois métodos de atividade pelo qual o ator controlador procura atingir seus objetivos: o efeito CNN e a teoria do agendamento.

3.1.1 Efeito CNN

O primeiro papel do ator controlador a ser analisado é baseado na teoria do efeito CNN (CNN Effect), no qual implica que os meios de comunicação, especialmente a televisão na época e mais atualmente a internet, tornaram-se atores predominantes para a formulação de políticas relacionadas à defesa e às crises humanitárias, podendo chegar até a substituir a tomada de decisão em alguns casos.

Segundo Gilboa (2002, p. 325-341) um exemplo do emprego dessa teoria pode ser visualizado na forma em que a mídia atuou na Guerra do Golfo (1991), quando as notícias eram transmitidas em tempo real, com a imprensa possuindo um verdadeiro exército de correspondentes em campo, fazendo com que o então presidente norte-americano George H. W. Bush declarasse que obtinha mais informações relevantes da CNN do que da sua agência de inteligência a CIA, um dos auges desse efeito como analisou Gilboa (2002, p. 737). Outros exemplos citados foram o massacre em Ruanda (1994), as intervenções militares na Somália (1994) e também a guerra do Kosovo (1999).

O termo efeito CNN também passou a ser entendido como uma abreviatura para a noção de que as mídias de notícias internacionais em geral, e não apenas a CNN, estavam tendo um maior efeito sobre a formulação da política externa. Atualmente os conflitos sobre o Iraque e o Afeganistão, a questão do papel da mídia em termos de condução de respostas políticas continua a ser uma fonte de interesse acadêmico considerável.

De fato, a intervenção durante a guerra civil da Líbia, por exemplo, levantou questões similares sobre o papel e atuação da mídia na região e, no momento da redação, a cobertura da mídia das atrocidades durante o conflito sírio, combinada com a possibilidade de uma intervenção armada das forças americanas e francesas, levanta questões similares sobre a influência da mídia nas políticas externas.

3.1.2 Teoria do agendamento

Já o segundo papel do ator controlador é conforme previsto pela teoria do agendamento (*agenda setting*), a qual diz que os meios de comunicação definem uma agenda de temas na sociedade, ou seja, mesmo sem intenção, a mídia tem a capacidade de determinar o que é discutido a cada momento (Sousa, 2002). Para Kunczik (2002, p.314), “A fixação da agenda implica que os meios de comunicação de massa pré-determinam quais assuntos são considerados de particular importância em um determinado momento”.

A teoria foi elaborada a partir do estudo de uma campanha eleitoral para a Presidência dos Estados Unidos em 1968 e apresentada pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw (Sousa, 2002). Esta teoria afirma que os meios de comunicação determinam os principais assuntos noticiosos, assim como o comportamento seletivo do público, escolhendo o que deve ser visto pelas suas audiências, com intuito de moldar a opinião dos mesmos sobre algo.

De acordo com a observação de Souza (2002), sobre os autores Lang e Lang (1955) e Cohen (1963), eles acreditavam que a mídia tinha capacidade de influenciar diretamente o pensamento do público. Reconhece-se, assim, que a reação do público diante de certo tema pode influenciar a agenda da mídia, ou seja, se o público sabe muito sobre determinado tema, ele não dependerá dos meios de comunicação para se informar, portanto a tendência é que a mídia não mantenha aquele assunto em pauta por muito tempo. Por outro lado, se o público não tem o menor conhecimento sobre outro assunto, a mídia tende a focar neste tema.

Sobre o CNN effect, Steve Livingston (1997, pág. 4-6) sugere que os meios de comunicação atuariam como um agente de configuração da agenda de problemas em relação à escolha e seleção, por causa dos interesses nacionais. Eles se tornariam um *acelerador* no encurtamento do tempo de resposta para a tomada de decisões e políticas ou eles se moveriam como *ator de impedimento* que opera através do impacto da opinião pública.

Quando os meios de comunicação se tornam um *acelerador*, eles influenciam as estratégias e o comportamento dos que estão no poder, criando sensação de urgência, aumentando a consciência pública e a ansiedade, levando a pressão para "fazer algo". Mas a cobertura da mídia por si só não garante um efeito particular sobre a política externa, independentemente de como ou se a mídia pode exercer um efeito direto nas elites de formulação de políticas, tanto no país como no exterior. A cobertura da mídia não garante uma resposta política. Por exemplo, apesar da cobertura da mídia das atrocidades bósnias e do genocídio em Ruanda, nenhuma das principais potências ocidentais interveio por anos.

Quando os meios de comunicação atuam como *ator de impedimento*, ajudam a espalhar múltiplos quadros, levam os terceiros a conflitos e ajudam a moldar a opinião pública que, por sua vez, afeta as escolhas políticas em conflitos e decisões de política externa. A oposição à política externa do governo pode ser um resultado da cobertura da mídia que é obtida pela divisão política doméstica. Nessa circunstância, o poder da mídia para distribuir a reação contra a política oficial em grupos públicos, de pressão e de interesse pode levar a mudança de equilíbrio de poder devido à administração, deixando de controlar o processo de gerenciamento de crises (Wolfsfeld, 2004, p. 69). Isso pode ser evidenciado no caso Sírio, no qual a mídia ajuda a moldar a opinião pública contra o governo de Bashar al-Assad, dando suporte à oposição.

A teoria do agendamento, de acordo com Donald Shaw, que foi um dos formuladores do conceito, é que a mídia não teria capacidade de persuadir diretamente o público. A influência se daria de uma maneira mais sutil: “Descrevendo e precisando a realidade externa, a mídia apresenta ao público uma lista de fatos a respeito dos quais se pode ter uma opinião e discutir” (Apud Wolf, 2003, p. 143).

Quanto ao papel desempenhado pelas agências internacionais de notícia, Boyd-Barret (Apud Camargo, 2008, p.142) aponta que o incrível desenvolvimento das mesmas “faz com que elas atuem com a teoria do agendamento no cenário internacional e, assim contribuam para a homogeneização das matérias jornalísticas sobre o mundo e, também para a falta de pluralidade de enfoque nas informações passadas”.

3.2 A mídia como ator constrangedor

Como um ator constrangedor, a mídia é vista também como mais um elemento que influencia no processo de tomada de decisão, com premissa de que, ainda que a mídia não controle, ela tem o poder de intervir decisivamente em diferentes aspectos da formulação da política externa, mais ainda do que a diplomacia. Tendo uma função primordial de constranger um líder político a tomar decisões e agir em curto-prazo. Para isso, os tomadores de decisão se utilizam dos meios de comunicação ao invés dos meios tradicionais (diplomacia), isso ocorre devido à alta velocidade com que a mídia veicula informações em escala mundial. De acordo com Oliveira (2010):

Esse constrangimento significa que a cobertura da mídia pode perturbar a rotina política e, conseqüentemente, o processo decisório. Em face disso, o constrangimento midiático pode levar os líderes políticos a terem que reorganizar suas prioridades. Isso porque, segundo o autor, a comunicação global restringe o processo político,

principalmente por meio da alta velocidade de difusão e transmissão de informações. O ritmo intenso dos intercâmbios diplomáticos conduzidos pela televisão global altera o padrão de tomada de decisão, especialmente em situações de crise aguda. (OLIVEIRA, 2010, p. 173).

Gilboa aponta alguns episódios dos anos 1990 nos quais as coberturas midiáticas acabaram substituindo embaixadores e especialistas como fonte de informações críticas e de avaliação sobre o que acontecia no mundo, como a Guerra do Golfo (1990-1991), na qual de acordo com o autor, líderes envolvidos no conflito usavam as coberturas dos canais All-news para transmitir seus recados em tempo real a aliados e/ou adversários, substituindo claramente as mensagens diplomáticas. De acordo com as próprias palavras do autor:

“Valuable information, observations, and suggestions from overseas diplomatic and intelligence sources may no longer arrive in time to have the desired influence on decisions, and when information does arrive in time, it can hardly compete with dramatic televised images and ongoing reportage of crises and foreign policy issues.” (GILBOA, 2002, p. 736)²²

3.3 A mídia como ator interventor

O terceiro papel apresentado é que mostra a mídia como interventora nas mediações internacionais, levando em consideração que por inúmeras vezes, os repórteres agem como intermediadores diretos ou indiretos nos conflitos. Assim, os jornalistas exercem a função de mediar acordos e resoluções dentro de um contexto jornalístico. Por exemplo, quando repórteres que conseguem entrevistas com líderes políticos ditos inacessíveis ou indisponíveis ao diálogo por meios oficiais (diplomacia), por circunstâncias de cunho político, ao fazerem esta ponte de interação agem como condutores da diplomacia. A mídia como ator interventor, pode ser entendido como “quando o jornalista, direta ou indiretamente, ultrapassa o limite da reportagem e atua como um diplomata mediador.” (ONOFRE, 2011, p. 18). Dessa forma os repórteres podem servir para acelerar os acordos e soluções durante crises políticas, seria como um facilitador político.

Gilboa cita um caso emblemático que ilustra esse papel através da atuação do âncora Walter Conkrite, um notório jornalista norte-americano e apresentador do programa CBS Evening News durante 1962 e 1982, nas entrevistas com o premiê israelense Menachen Begin e o presidente egípcio Anwar Sadat em 14 de novembro de 1977. As entrevistas teriam sido

²² Informações valiosas, observações e sugestões de fontes diplomáticas e de inteligência no exterior já não podem chegar a tempo de ter a influência desejada nas decisões, e quando a informação chega de fato a tempo, dificilmente pode competir com imagens televisivas dramáticas e reportagem em curso de crises e estrangeiros questões de política. (GILBOA, 2002, p. 736, tradução própria).

decisivas para que, apenas seis dias depois, Sadat fizesse sua histórica visita a Jerusalém – passo decisivo para o acordo de paz entre os dois países que viria a ser consumado nas tratativas de Camp David em 1979 (Gilboa, 2002, p. 739). Porém a esse papel esbarra, na atualidade, na ausência de jornalistas com o peso, independência e credibilidade de um jornalista como Walter Conkrite para mediar as negociações como terceira partes de um possível acordo, tão bem como a dificuldade atual de que certos líderes têm para admitir tal mediação pela mídia ou um repórter.

3.4 A mídia como ator instrumental

O quarto papel da mídia analisado por Gilboa seria o ator instrumental. Essa categorização da mesma encontra-se ligada à ideia de que a mídia pode ser utilizada como ferramenta de mobilização, de modo a auxiliar em certas negociações e facilitar a efetuação de acordos. Assim se atribui à mídia um papel de arena internacional, um tipo de instrumento na qual os demais atores internacionais, como diplomatas e governos recorrem para promover acordos e auxiliar nas negociações complicadas e, por meio dele, mobilizar o apoio público para a obtenção de acordos. Como observa Camargo “Parte-se do pressuposto de que ao criarem um ambiente de evento, a utilização dos meios de comunicação pode auxiliar nas negociações. A mídia como ator instrumental também está relacionada com a conquista da opinião pública da sociedade internacional pelos governos”. (CAMARGO, 2008, p. 42). Nas palavras de Gilboa e como ele se refere a essa diplomacia da mídia: “media diplomacy refers to uses of the by leaders to express interest in negotiation, to build confidence, and to mobilize public support for agreements” (GILBOA, 1998, p. 62–63 Apud GILBOA, 2002, p. 741)²³.

3.5 A mídia como ator conflituoso

Como dito anteriormente, a pesquisadora Julia Faria Camargo acrescentou ainda ao papel da mídia como um ator conflituoso, ou seja, que tem capacidade de gerar conflitos na arena política. A autora explica que a opinião pública se ampliou, passando a ter maior alcance social e a manifestar diferentes desejos de distintas áreas da sociedade, também passou a pressionar o poder do Estado e interferir mais nas suas decisões. Podendo perceber através das

²³ A diplomacia da mídia refere-se aos seus usos por líderes para expressar interesse em negociações, criar confiança e mobilizar apoio público para acordos (GILBOA, 1998, p. 62–63 Apud GILBOA, 2002, p. 741, tradução própria).

palavras de Miguel (2002, p. 158) que “os meios de comunicação de massa ampliam o acesso aos agentes políticos e a seus discursos, que ficam expostos, de forma mais permanente, aos olhos do grande público”.

Nesse processo de atuação da mídia, a própria estrutura do Estado acaba por apoderar-se dos meios de comunicação de massa com o intuito de ampliar a capacidade de recepção do seu discurso. Portanto, é importante perceber como os meios de comunicação tem a capacidade de afetar e influenciar a opinião pública. O crescimento das mídias vem se tornando peça chave para que assuntos relevantes do cenário internacional tragam mais acessibilidade a grande parte da população global. Possibilitando a participação e influência da opinião pública cada vez mais, mesmo que em pequena escala, comparada com as decisões dos estados, na tomada de decisão dos atores internacionais.

O problema é que discursos propagados pelos meios de comunicação não acabam com a pluralidade de interesses e perspectivas presentes na sociedade. Com diversas vozes que se fazem ouvir pela mídia a qual se dizem “representantes” das vozes da sociedade, porém esta representação possui na maioria das vezes um viés. Assim “o resultado é que os meios de comunicação reproduzem mal a diversidade social, o que acarreta consequências significativas para o exercício da democracia” (MIGUEL, 2002, p. 163). Isso demonstra que a mídia não reporta suas notícias de forma neutra e imparcial, sendo quem controla a mídia controla também seu discurso.

Levando-se em conta que da mesma forma em que exerce um papel importante como ator internacional de múltiplas faces e na difusão de informação, os meios de comunicação também podem ser um instrumento de manipulação e parcialidade, podendo gerar uma opinião pública tendenciosa. Há esse debate devido à existência do atrelamento dos meios de comunicação com governantes, grupos políticos, econômicos e até mesmo grandes corporações que ditam as regras em seu favor nessas grandes mídias como a Al Jazeera, BBC e CNN, o que comprometeria a veracidade da informação.

De acordo com Fabiana Freitas (2003, p. 422) isso acontece porque a mídia e seus meios de comunicação dependem de grandes empresas e conglomerados privados ou governamentais, pois precisam de muito patrocínio e audiência para sobreviver. Podemos inferir então que se a mídia e seus meios de comunicação necessitam de grupos econômicos, nacionais ou internacionais, se torna normal a tendência de propagar as notícias e seus periódicos de acordo com a orientação e a ideologia desses grupos os quais os bancam, lembrando que a mídia controla as matérias de seus jornalistas, portanto também controla o que é publicado e mostrado ao público.

Podemos então entender que a mídia e seus meios de comunicação difundem somente uma única visão de mundo à sociedade, fazendo com que grande parte de uma população aceite uma interpretação da realidade determinada e específica mostrada pela mídia seja aceita como verdadeira aos olhos de sua audiência, construindo assim a opinião pública, por isso dizem que a imprensa é formuladora da opinião. “Assim, a imprensa desempenha uma forte pressão sobre os indivíduos, os partidos políticos e os governos, influência essa que já lhe rendeu o título de o “quarto poder”” (FREITAS, 2003).

Os esforços da mídia global para atrair a atenção do público trazem as crises e os conflitos ao topo da agenda para persuadir seu público a pressionar e influenciar as políticas governamentais. Ao mesmo tempo, os governos também podem usar as plataformas de mídia para definir sua própria agenda de guerra para divulgar suas opiniões ao público para seus próprios propósitos. Deve-se ressaltar que existe uma relação entre a mídia e os políticos em uma espécie de uso mútuo. Os meios de comunicação não são apenas usados por políticos para fins e interesses táticos, mas também a mídia tem sua própria motivação e interesses, que os mantêm em relações e interações mais complexas com indivíduos e instituições.

Dessa maneira, entendemos que as novas tecnologias e os meios de comunicação da mídia ampliam a capacidade de sensibilidade e vulnerabilidade da sociedade, a partir do momento que fica mais fácil reagir mundialmente a uma determinada política, porém a mesma não detém controle direto sobre a população. Podemos perceber então pelo que já foi dito, que basta um discurso polêmico de apenas alguns instantes na CNN ou BBC, tão bem como uma possível ameaça terrorista de alguém como Osama Bin Laden em uma TV árabe como a Al Jazeera para a sensibilidade e a vulnerabilidade dos países serem testadas. Portanto nesse estudo iremos observar através da análise de discurso que o mesmo está acontecendo na Síria, só que quem está sendo analisado é o governo Sírio.

4 ANÁLISE DE DISCURSO PÓS ESTRUTURALISTA

Para os pós-estruturalistas as construções discursivas são vistas como elas mesmas sendo construtoras da realidade. Significa assim dizer que não é possível assimilar o conceito de identidade sem que se compreenda todo o processo no qual ela foi construída discursivamente, com isso remete-se à própria construção da realidade como um ato discursivo (BUZAN; HANSEN, 2009). Dessa maneira:

[...] language has a structuring and influencing capacity that provides it with “social power”. [...] The central claim was that the choice of different metaphors, euphemisms or analogies had fundamental consequences for how “reality” was understood, and hence also for which policies should be adopted. (BUZAN; HANSEN, 2009, p. 141).²⁴

Para os autores pós-estruturalistas a função das figuras de linguagem como a metonímia, a metáfora e a hipérbole, por exemplo, é fundamental na compreensão de como um discurso se conecta à construção da realidade. Isso devido a elas configurarem instabilidades ou desvios nessas construções e deixam analisar o que se esconderia “por trás” do que é enunciado, o que mostraria a fluidez da estrutura em si, uma vez da qual não são independentes entre si mesmos (RICOUER, 1992).

Portanto para os pós-estruturalistas é significativo captar a dicotomia entre o “eu” e o “outro”. Assim Lucas Amaral Batista Leite (2012) observa que para a compreensão de como as identidades são construídas em um determinado discurso, é preciso assimilar os elementos que fazem com que os atores representados se contraponham ao “outro”, em relações do que está no interior/exterior e que são manipulados como bem/mal, civilizados/bárbaros etc. “‘Segurança’ então vira um requisito duplo de que o Estado necessita para ser seguro, mas também necessita do outro ameaçador para definir sua identidade, dando-lhe um sentido ontológico de segurança” (BUZAN; HANSEN, 2009, p. 218, tradução própria).

A diferenciação na qual David Campbell (1998) cria entre ameaça e risco é uma maneira interessante de entender como os termos são capazes de ser utilizados de forma a tentar convencer uma plateia acerca de “necessidades” que um ator tenha sobre o que é construído em relação ao “outro”, exemplificando casos de nomeação de grupos como terroristas ou na

²⁴ [...] a linguagem possui uma capacidade de estruturação e influência que lhe proporciona "poder social". [...] A afirmação central era que a escolha de diferentes metáforas, eufemismos ou analogias teve consequências fundamentais para a compreensão da "realidade", e, portanto, também para quais políticas devem ser adotadas (BUZAN; HANSEN, 2009, p. 141, tradução própria).

legitimação de uma intervenção em um certo país, como no Iraque em 2003. O discurso serve como conexão entre a percepção do seu autor com seu interesse, compreendido aqui como a prática ou as formas para se chegar a determinados propósitos. O método de construção do ator responsável pelo discurso dá-se diretamente pelo processo de construção ou exclusão do outro ao qual se refere (como inimigo ou amigo). Dessa maneira o perigo seria a condição material e objetiva, aquilo que de fato causa algum dano. Enquanto que a Ameaça, seria a condição subjetiva, aquilo que pode ser compreendido e construído como perigo, não porque é de fato, mas por ser construído discursivamente de tal forma.

To poststructuralism, language is ontologically significant: it is only through the construction in language that “things” – objects, subjects, states, living beings, and material structures – are given meaning and endowed with a particular identity. (HANSEN, 2006, p. 18).²⁵

Os sentidos em um discurso, então, não são desligados da realidade que ele procura construir. São realmente parte essencial, e na sua ausência não se consegue assimilar como uma estrutura pode ser construída, e como, positiva ou negativamente, se relacionarão as identidades construídas. Nas próprias palavras de Campbell (1988, p. 6) “the world exists independently of language, but we can never know that (beyond the fact of its assertion), because the existence of the world is literally inconceivable outside of language and our traditions of interpretation”²⁶. Assim a identidade de um ator é criada em contraposição a “outro” e as relações de identidade entre o “eu” e o “outro” são criadas através da diferenciação, portanto não são causadas pela estrutura, porém são constantemente ajustadas e excluídas de acordo com as percepções e interesses envolvidos.

Como forma de sistematizar a análise do discurso e criar uma espécie de estrutura analítica do discurso, Hansen (2006, apud, LEITE, 2012), cita quatro elementos que devem estar presentes em toda análise textual. O primeiro elemento refere-se à necessidade de delimitar o número de atores a serem analisados, que podem ser: a) únicos, quando apenas um único ator é responsável pelo discurso analisado; b) comparativos, quando há comparação entre diversos atores e seus discursos; e c) cruzado, quando dois ou mais discursos são contrapostos por terem uma relação dicotômica entre si.

²⁵ Para o pós-estruturalismo, a linguagem é ontologicamente significativa: é somente através da construção em linguagem que as "coisas" - objetos, sujeitos, estados, seres vivos e estruturas materiais - têm significado e são dotadas de uma identidade particular. (HANSEN, 2006, p. 18, tradução própria).

²⁶ O mundo existe independentemente da linguagem, mas nunca podemos saber isso (além do fato de sua afirmação), porque a existência do mundo é literalmente inconcebível fora da linguagem e nossas tradições de interpretação (CAMPBELL, 1988, p. 6, tradução própria).

O segundo elemento trata da classificação dos tipos textuais, que podem ser: a) discursos oficiais, aqueles transmitidos pelos órgãos e agências estatais ou pelos próprios autores do discurso como presidentes e ministros; b) debate político amplo, aqueles discursos proferidos por outras instituições como a mídia e os partidos políticos; c) representações culturais, aqueles que tratam de questões culturais em geral; e d) discursos políticos marginais.

O terceiro elemento está ligado à perspectiva temporal. Os discursos são classificados como: a) um único momento histórico; b) comparação entre dois momentos diferentes; e c) desenvolvimento histórico do discurso. No quarto e último elemento, encontramos delimitação do número de eventos abordados, que são divididos em: a) um momento único; b) múltiplos eventos relacionados por determinado assunto; e c) múltiplos eventos relacionados ao longo do tempo.

A partir da estrutura sugerida, há a possibilidade de se criar um desenho ou figura²⁷ de pesquisa, capaz de representar os elementos fundamentais de um discurso (ou vários discursos). Hansen sugere primeiramente que se produza uma estrutura que possibilite assimilar como são construídos os processos de ligação das identidades (do “eu” e do “outro”). Após a conclusão desse processo, passa-se então para o processo de diferenciação, na qual as identidades são colocadas em contraposição uma à outra, dependendo de quantas sejam analisadas, de forma a evidenciar como as construções discursivas se relacionam entre elas. Ou nas próprias palavras de Hansen:

The process of linking and differentiation provide theoretical concepts and methodological tools for conducting empirical analysis and they allow for a structured and systematic analysis of: how discourses seek to construct stability, where they become unstable, how they can be deconstructed, and the processes through which they change. As the meaning of each sign is established through linking and differentiation, there is always a gap between them: they are linked to each other, but never fully the same. Instability might be explicitly articulated if the Other is constructed as radically different yet also as part of the Self, but discourses will usually involve more careful analysis of how links and juxtapositions come into conflict with each other. (HANSEN, 2006, p.44 - 45)

As identidades propostas por Hansen, se forem apenas analisadas individualmente, não apontam as possíveis inconsistências das relações identitárias em uma construção de discurso; por esse motivo, é indispensável o processo de diferenciação. Logo a análise do discurso procura entender como a relação social se constrói em um plano discursivo. De acordo com Camargo (2008), a análise de discurso procura responder “como” o texto significa e como são

²⁷ Observar as figuras 3 e 6 nas páginas 39 e 41 respectivamente.

produzidos os sentidos. Para isso, o texto é concebido como um espaço de construções de visões diferenciadas sobre o real. Pode-se, então, dizer que a análise do discurso utiliza o texto para compreender como o discurso se materializa, como se produzem os sentidos.

Conforme aponta Henery (2010), os três canais de notícias internacionais de língua inglesa que - pela sua natureza, tamanho, distribuição, orçamento e reputação - têm mais impacto na paisagem televisiva global e têm maior poder de influenciar a opinião pública são CNN International, BBC World News e Al Jazeera English. Em cada uma das diferentes histórias, remessas, identidades e variados modelos de negócios de radiodifusão (incluindo financiamento, programação, produção, entrega e público), cada um deve competir para manter a quota de mercado e o reconhecimento de nomes globais.

Dessa forma se optou por fazer a análise de discurso das matérias produzidas pela Imprensa Internacional, mais especificamente da CNN, BBC e AL JAZEERA, sobre o conflito Sírio. Dessa maneira ao se considerar que o objeto de análise são as matérias produzidas pela imprensa, é preciso compreender que qualquer forma de transmissão pela mídia não informa somente o que ocorre na realidade de fato, mas lança mão também de uma interpretação dos fatos relatados.

As notícias devem ser observadas, então, como construções linguísticas do mundo, como resultante da interação entre a mente, a linguagem, os constrangimentos jornalísticos e os fenômenos reais que nelas são representados em uma determinada época. É por isso que, para Charaudeau (2006), a comunicação midiática se propõe para o interlocutor em relação com o jogo das aparências: “[...] se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade. As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público” (2006, p.19).

Então, para transmitirem credibilidade aos seus leitores, os discursos propostos pelas mídias devem estar revestidos de objetividade, mesmo que as notícias oferecidas por ele sejam alguns pequenos recortes particulares de diversos acontecimentos cotidianos. Essa relação de proposição verdadeira só se torna possível porque o leitor deposita certa confiança no meio de produção jornalística e compactua com ele:

Os jornais preferem manter o discurso da objetividade e os leitores, mesmo sabendo que os veículos fazem escolhas seletivas e não podem noticiar todo o universo de acontecimentos, confiam em sua capacidade de decidir o que tem importância suficiente para virar notícia. Isso não significa que a imprensa mente – embora alguns o façam – mas que simplesmente não há “a verdade” a ser transmitida, apenas relatos (CERQUEIRA, 2005, p.29).

Objetiva-se interagir com o discurso oficial da imprensa tentando compreender o seu efeito de sentido com a finalidade de fornecer reflexões acerca de como é construída a produção das notícias internacionais por esses meios de comunicação. Portanto, foi feita a escolha da verificação dos três diários internacionais, sobre o Oriente Médio, mais respectivamente sobre o cenário do conflito sírio.

O objetivo das análises pós-estruturalistas é, portanto, desconstruir estruturas percebidas em um discurso ou ação, a fim de desestabilizar “verdades” preconcebidas e encontrar instabilidades no que é apresentado (MUTIMER, 2010). Dessa forma optou-se por analisar como os efeitos identitários em discursos construídos pela BBC, CNN e Al Jazeera, retratam o governo Sírio de Bashar em contraposição com a oposição e os rebeldes, que detém apoio ocidental.

Em relação aos tipos textuais, este trabalho utiliza a transcrição, em inglês, dos discursos desses três gigantes da mídia pois, pensando na mídia como uma prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico, para poder compreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as materialidades que dão corpo aos sentidos, as posições de sujeito aí assinaladas. Com as notícias e análises jornalísticas sendo disponibilizados nos respectivos sites oficiais de cada um.

Por fim, em relação ao número de eventos, foram selecionados múltiplos eventos relacionados ao longo do tempo. Esta escolha ocorreu após a percepção de que as características utilizadas na construção do discurso sobre como o governo Sírio trata os rebeldes ou a oposição em solo Sírio, aumentaram significativamente após 2011 e se estendem até o ano de 2017, com diversas notícias sendo transmitidas quase que diariamente, tão bem como análises jornalísticas sendo escritas praticamente todo o dia sobre o conflito.

Dessa maneira será feita uma análise de diversos discursos selecionados da mídia sobre a Síria e depois será construído um modelo de análise baseado no modelo de Hansen para melhor entender o discurso criado sobre o governo e as devidas identidades atribuídas aos envolvidos no conflito, mas primeiramente vamos analisar os discursos e seus títulos paralelamente. Também devemos lembrar que a mídia pode agir como uma janela sobre os assuntos políticos ou como megafones para as mensagens de políticos para reforçar uma visão com tons mais oficiais, trazendo mais confiabilidade na construção de seus próprios discursos.

Syria opposition wins international backing

More than 100 countries have recognised a new Syrian opposition coalition, opening the way for greater assistance to the forces fighting to topple President Bashar al-

Assad, including possibly military aid. [...] While the coalition welcomed the move, the opposition said they were looking for more tangible political and financial backing and that they want members of Assad's government to be brought to the International Criminal Court. [...] International recognition of the Libyan opposition gave it a huge boost in the battle against Muammar Gaddafi last year, and was later backed by Western air strikes. [...] The conference's final statement said Assad had lost all legitimacy. (AL JAZEERA, 2012)²⁸.

Obama recognizes Syrian opposition coalition

President Barack Obama on Tuesday recognized the leading Syrian opposition coalition as the legitimate representative of the country's people, marking a "big step" in U.S. engagement with the nearly two-year-old crisis. [...] "We've made a decision that the Syrian Opposition Coalition is now inclusive enough, is reflective and representative enough of the Syrian population that we consider them the legitimate representative of the Syrian people in opposition to the Assad regime," Obama told ABC's Barbara Walters. (CNN, 2012).²⁹

Syria conflict: UK recognises opposition, says William Hague

Foreign Secretary William Hague has said the UK has decided to recognise the Syrian opposition coalition. [...] He told MPs the National Coalition of the Syrian Revolutionary and Opposition Forces was the "sole legitimate representative" of the Syrian people. [...] He said they were now a "credible" alternative to the Assad government. (BBC, 2012).³⁰

Podemos perceber que ao selecionar discursos oficiais de políticos ocidentais diversos todas as mídias trazem discursos com intuito de trazer a oposição Síria como os representantes legítimos do povo Sírio, isso em contrapartida denota que o governo de Bashar al-Assad não representa os Sírios. A matéria da Al Jazeera traz a ideia de que o reconhecimento dos rebeldes Líbios foi uma grande força para a destituição de Gaddafi, utilizando da mesma com intuito de que ao auxiliar a oposição Síria será mais fácil destituir al-Assad. Já a CNN utilizou do discurso de Obama em uma entrevista para outra rede para afirmar a representação do povo Sírio pela oposição contra o governo. Enquanto que a BBC utiliza o discurso de William Hague para

²⁸ Mais de 100 países reconheceram uma nova coalizão da oposição síria, abrindo o caminho para uma maior assistência às forças que lutam para derrubar o presidente Bashar al-Assad, inclusive, possivelmente, ajuda militar. [...] Enquanto a coalizão congratulou-se com o movimento, a oposição disse que estavam procurando um apoio político e financeiro mais tangível e que queriam que os membros do governo de Assad fossem levados ao Tribunal Penal Internacional. [...] O reconhecimento internacional da oposição da Líbia deu um enorme impulso na batalha contra Muammar Gaddafi no ano passado, e depois foi apoiado por ataques aéreos ocidentais. [...] O comunicado final da conferência disse que Assad perdeu toda legitimidade (AL JAZEERA, 2012, tradução própria). Acesso em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2012/12/2012121216627135756.html>

²⁹ O presidente Barack Obama reconheceu nesta terça-feira a liderança da oposição síria como representante legítimo do povo do país, marcando um "grande passo" no envolvimento dos EUA com a crise de quase dois anos de idade. [...] "Tomamos uma decisão de que a Coalizão da Oposição síria é agora suficientemente inclusiva, é um representante reflexivo e representativo da população síria que consideramos o representante legítimo do povo sírio em oposição ao regime de Assad", disse Obama a Barbara Walters do ABC (CNN, 2012, tradução própria). Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/12/11/world/us-syria-opposition/index.html>

³⁰ O secretário das Relações Exteriores, William Hague, disse que o Reino Unido decidiu reconhecer a coalizão da oposição síria. [...] Ele disse aos deputados que a Coalizão Nacional das Forças da Revolução Síria e da Oposição era o "único representante legítimo" do povo sírio. [...] Ele disse que agora eram uma alternativa "crível" para o governo de Assad. (BBC, 2012, tradução própria). Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-politics-20406562>

reconhecer a oposição Síria como uma alternativa “crível” ao governo de Assad. A partir desses discursos a Al Jazeera, a CNN e a BBC irão construir suas notícias com essa premissa, de que o povo Sírio está sendo representado por uma oposição e que estão descontentes com o governo, portanto o Ocidente e o mundo têm que apoiar a oposição ou os rebeldes (moderados). Isso será visto em outros discursos e em outras notícias dessas respectivas mídias mais à frente.

Appetite for intervention in Syria?

[...] Is there a broader public appetite for intervention? [...] President Barack Obama previously said that Syria's use of chemical weapons would constitute what he called a red line. But in the same speech, he quickly diluted his comments, saying his "calculus" and his "equation" would change. [...] it is still raising concerns about wider regional fallout. Iran is warning of a "disaster" in the event of military action, describing the Middle East as a "gunpowder store". [...] Meanwhile, Israel has announced a call-up of security force reservists, and stepped up its missile defences. And sources within the Syrian army and the armed Lebanese group, Hezbollah, have warned of retaliatory strikes against Israel if Western military intervention against Syria was to escalate. [...] So, are Western leaders stalling in the face of growing public opposition? (AL JAZEERA, 2013).³¹

A Al Jazeera pergunta se há um apetite do público por intervenção na Síria, fala ainda sobre a “linha vermelha” estabelecida por Obama caso houvesse a utilização de armas químicas pelo governo Sírio, questiona sobre o perigo na região e o alerta do Irã que fala que o Oriente Médio é um “depósito de pólvora”, fala do aumento das defesas de mísseis por Israel, ainda menciona fontes dentro do exército Sírio e do Hezbollah que dizem que caso as intervenções escalem na região irão retaliar contra Israel e finaliza perguntando se os líderes do Ocidente estão procrastinando e adiando a situação em face de oposição pública.

Why won't the U.N. Security Council intervene in Syria?

Last year, the U.N. Security Council authorized "all necessary measures" to stop the violence when the nation in question was Libya. It has come nowhere close to that on Syria. (CNN, 2012).³²

5 reasons the U.S. must intervene in Syria

Syria feels far away; a tragedy, no doubt, but to many who strongly oppose any kind of intervention, it is simply too removed, too complicated, too foreign to view as an

³¹ [...] Existe um maior interesse público pela intervenção? [...] O presidente Barack Obama disse anteriormente que o uso de armas químicas pela Síria constituirá o que ele chamou de linha vermelha. Mas no mesmo discurso, ele rapidamente diluiu seus comentários, dizendo que seu "cálculo" e sua "equação" mudariam. [...] ainda está suscitando preocupações sobre as consequências regionais mais amplas. O Irã está alertando sobre um "desastre" no caso de ação militar, descrevendo o Oriente Médio como uma "loja de pólvora". [...] Enquanto isso, Israel anunciou uma convocação de reservistas da força de segurança e intensificou suas defesas de míssil. E as fontes dentro do exército sírio e o grupo libanês armado, o Hezbollah, alertaram contra ataques de retaliação contra Israel se a intervenção militar ocidental contra a Síria fosse escalada. [...] Então, os líderes ocidentais estão paralisados diante da crescente oposição pública? (AL JAZEERA, 2013, tradução própria). Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2013/08/201383071710416470.html>

³² No ano passado, o Conselho de Segurança da U.N. autorizou "todas as medidas necessárias" para parar a violência quando a nação em questão era a Líbia. Não chegou a lugar algum na Síria. (CNN, 2012, tradução própria). Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/01/13/world/meast/un-security-council-syria/index.html>

American problem. Military action, the skeptics rightly say, has consequences, often unpredictable ones. But so does inaction. [...] Inaction is more dangerous - potentially riskier and costlier -- than smart, limited intervention. Syria may seem far away, but every passing day, every calamitous, explosive, hate-infused day, makes it more America's - and the world's - problem. (CNN, 2013).³³

A CNN compara com o caso Líbio que diz que “todas as medidas necessárias” foram tomadas para parar a violência, que na Síria isso não aconteceu. No outro artigo a CNN apela para o sentimento, dizendo que a Síria parece distante, muito estrangeira para ser vista como um problema americano. Diz que para os céticos ações militares tem consequências, mas atenta que a falta de ação também tem, justificando assim que a falta de ação é mais custosa e mais arriscada do que fazer uma intervenção inteligente e limitada. Fala mesmo por parecer longe, a Síria a cada dia que passa, a cada dia calamitoso e explosivo, torna-se cada dia mais um problema americano e um problema do mundo. Isso é feito para trazer a responsabilidade para o público, chocando nossas visões, com intuito de pressionar a opinião pública a fazer mais pelo povo Sírio.

Analysis: Options for military intervention in Syria

For all the unease about direct outside military intervention, will there come a moment when humanitarian concerns and the fear of a wider regional crisis shift the balance, making action inevitable? [...] As the violence in Syria increases, so does the risk of the crisis spreading to neighbouring Lebanon and perhaps from there turning into a regional conflagration, maybe drawing in Israel or even Turkey. [...] Better, according to this argument, to act soon to dismantle the Syrian regime before the contagion spreads. Unpalatable intervention may be, but it is even worse, in this view, to stand by and watch the slaughter of innocents. (BBC, 2012).³⁴

Já a BBC pergunta para todos os que se sentem incomodados com intervenção, se quando preocupações humanitárias e o medo de uma ampla crise regional tornar a ação inevitável, cita também que o medo da violência espalhar-se pela região e para os vizinhos, e acabe tendo que envolver Israel até a Turquia, portanto seria melhor agir logo para desmantelar

³³ A Síria sente-se distante; uma tragédia, sem dúvida, mas para muitos que opõem-se fortemente a qualquer tipo de intervenção, é simplesmente muito removido, muito complicado, muito estranho para se ver como um problema americano. Ação militar, os críticos dizem com razão, tem consequências, muitas vezes imprevisíveis. Mas também a inação. [...] A inação é mais perigosa - potencialmente mais arriscada e mais cara - do que uma intervenção inteligente e limitada. A Síria pode parecer longe, mas todos os dias que passam, todos os dias calamitosos, explosivos e infestados pelo ódio, tornam mais o problema da América e do mundo. (CNN, 2013, tradução própria). Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/08/28/opinion/ghitis-syria-intervention/index.html>

³⁴ Por todo o mal-estar sobre a intervenção militar direta externa, haverá um momento em que preocupações humanitárias e o medo de uma crise regional mais ampla mudam o equilíbrio, tornando inevitável a ação? [...] À medida que a violência na Síria aumenta, o risco da crise se espalhará para o vizinho Líbano e talvez de lá se torne uma conflagração regional, talvez atrapalhando Israel ou mesmo a Turquia. [...] Melhor, de acordo com este argumento, agir em breve para desmantelar o regime sírio antes que o contágio se espalhe. Uma intervenção desagradável pode ser, mas é ainda pior, nesta visão, ficar de pé e assistir a matança de inocentes. (BBC, 2012, tradução própria). Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-17356556>

o governo Sírio antes que o contágio se espalhe, e que uma intervenção é desagradável mas que é pior ficar parado e assistir o massacre de inocentes.

Vemos em todos os discursos acima a intervenção na Síria como uma possibilidade. Os discursos são construídos para atentar para a necessidade de segurança regional e mundial, para se prevenir de um conflito maior sejam necessárias medidas e ações, com o objetivo de acabar com o governo, para que o conflito da região não escale e passe para os vizinhos. Isso é feito para persuadir o público, não apenas o público americano, mas o mundial, para influenciar a opinião pública para o que está acontecendo na Síria, fazendo com que peçam mais de seus governos para uma atuação na Síria contra o governo, e com a sua queda, os vizinhos na região ficariam à salvo e isso não seria mais um problema mundial.

Syrian opposition: No ceasefire unless Assad goes

The main Syrian opposition bloc, with allied rebel forces on the ground, says it will not agree to a ceasefire unless Bashar al-Assad signs an agreement to step down as president of Syria. [...] "If they [US and Russia] want to fight terrorism as they say, why not get rid of the main problem, the government that is targeting civilians in Syria everyday?" Nagham al-Ghadri, vice president of the Syrian National Coalition (SNC), told Al Jazeera. [...] "The US and Russia have always disagreed on the fate of Bashar al-Assad, but agreed on countering [the Islamic State of Iraq and the Levant], which is ironic because instead of getting rid of the root of all problems, they want to tackle a product that is a result of the government. [...] "As we speak there are Russian jets targeting two areas in Latakia suburbs, where there is absolutely no presence for ISIL or al-Nusra Front. Why? It is now clear, the intention is to target the Syrian rebels and not ISIL or al-Nusra. They mock us by saying they are targeting ISIL." (AL JAZEERA, 2015).³⁵

No discurso da Al Jazeera acima, podemos perceber que é dada um grande espaço para a oposição Síria, esses admitem que não haverá cessar fogo se al-Assad não sair do poder, ao explicitar que se os Estados Unidos e a Rússia querem realmente lutar contra o terrorismo devem se focar em removerem o problema central (referindo-se a al-Assad), acusando o governo de ser a raiz de todos os problemas na Síria, falando que os terroristas são um produto do governo. Ainda falam que os jatos Russos não estão lá para atacar o Estado Islâmico e a

³⁵O principal bloco de oposição sírio, com forças rebeldes aliadas no terreno, diz que não concordará com um cessar-fogo, a menos que Bashar al-Assad assine um acordo para demitir-se como presidente da Síria. [...] "Se eles [EUA e Rússia] querem lutar contra o terrorismo como dizem, por que não se livrar do principal problema, o governo que ataca civis na Síria todos os dias?" Nagham al-Ghadri, vice-presidente da Coalisção Nacional Síria (SNC), disse à Al Jazeera. [...] "Os EUA e a Rússia sempre discordaram sobre o destino de Bashar al-Assad, mas concordaram em contrariar [o Estado Islâmico do Iraque e o Levante], o que é irônico porque em vez de se livrar da raiz de todos os problemas, eles querem enfrentar um produto que é resultado do governo. [...] "Como falamos, há jatos russos visando duas áreas nos subúrbios de Latakia, onde não há presença absoluta para ISIL ou al-Nusra Front. Por quê? Agora está claro, a intenção é apontar os rebeldes sírios e não ISIL ou al-Nusra. Eles zombam de nós dizendo que estão visando ISIL." (AL JAZEERA, 2015, tradução própria). Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/2015/12/syrian-opposition-ceasefire-assad-leaves-151216041659179.html>

fronte Al-Nusra e sim os rebeldes Sírios, dizendo que eles zombam por dizer que atacam os terroristas.

How is this not World War III?

[...] The Syrian conflict, which turned deadly in 2011 when President Bashar al-Assad responded to calls for democracy by massacring protesters, has become a global vortex of violence, a black hole that swallows other conflicts. [...] Russia is in Syria not to fight ISIS but to save the Assad regime as a permanent Russian ally. [...] Assad may have been about to fall, but Putin, now working on the same side as Iran and Hezbollah, made sure that won't be happening any time soon. [...] The term "world war" obviously conjures the two great conflicts of the 20th century. A striking parallel this time is the reluctance of the United States to get involved -- the public wish to stay out, to say, "This is not our fight." [...] It's impossible to know just how far the analogy will hold. But it's worth remembering that those conflicts only came to an end when the U.S. found it impossible to pretend it was not affected by a brutal conflict raging war thousands of miles from America's shores. (CNN, 2015).³⁶

Neste discurso da CNN, fala sobre como o conflito Sírio tornou-se mortal após a resposta de Bashar al-Assad ao massacrar protestantes clamando por democracia, e que isso trouxe um vórtex de violência global e um buraco negro que engole outros conflitos. Cita a Rússia dizendo que não estão enfrentando o Estado Islâmico e só se envolveram para que o governo de Assad perdesse para que eles tenham um aliado na região. Sua atuação na região como a do Hezbollah foi o motivo de Assad não ter perdido o poder. Ainda compara a atitude dos Estados Unidos nas “Guerras Mundiais”, devido à relutância de agir, mas lembra que os conflitos só terminaram quando os EUA viram que não podiam mais fingir, que a guerra era afetada por conflitos brutais, há milhares de milhas de distância e tiveram que agir. Trazendo a possibilidade de ameaça, comparando o conflito Sírio com uma guerra mundial, um discurso construído para atentar para a necessidade de segurança, fazendo um pedido quase que explícito para agir na Síria para que não se torne a terceira Guerra mundial.

Russia joins war in Syria: Five key points

The Russian defence ministry initially said the first wave of strikes targeted only the jihadist group, Islamic State (IS), which controls large parts of Syria and is fighting both government and rebel forces. [...] But the US and its allies noted that the strikes took place where IS had little or no presence. They instead appeared to be aimed at

³⁶ [...] O conflito sírio, que se tornou mortal em 2011, quando o presidente Bashar al-Assad respondeu aos apelos à democracia ao massacrar os manifestantes, tornou-se um vórtice global da violência, um buraco negro que engole outros conflitos. [...] A Rússia está na Síria para não lutar contra o ISIS, mas para salvar o regime de Assad como um aliado permanente da Rússia. [...] Assad pode estar prestes a cair, mas Putin, agora trabalhando do mesmo lado do Irã e do Hezbollah, assegurou-se de que isso não acontecerá em breve. [...] O termo "guerra mundial" evoca os dois grandes conflitos do século XX. Um paralelo impressionante desta vez é a relutância dos Estados Unidos em se envolver - o público deseja ficar fora, para dizer: "Esta não é a nossa luta". [...] É impossível saber até que ponto a analogia se manterá. Mas vale a pena lembrar que esses conflitos só chegaram ao fim quando os EUA acharam impossível fingir que não era afetado por um conflito brutal que fazia guerra a milhares de quilômetros das costas dos Estados Unidos. (CNN, 2015, tradução própria). Disponível em: <http://edition.cnn.com/2015/11/24/opinions/ghitis-russia-jet-shot-down/index.html>

rebels backed by Gulf Arab and Western states who are advancing on Latakia province - the coastal heartland of Mr Assad's Alawite sect. [...] But opposition activists and rebel fighters have expressed alarm. "If these raids continue this way, Russia will kill a larger number of civilians than Bashar did in four years" [...] Nato's Supreme Allied Commander Europe, Gen Philip Breedlove added "High on Mr Putin's list in Syria is preserving the regime against those that are putting pressure on the regime, and against those that they see who might be supporting those putting pressure on the regime". (BBC, 2015).³⁷

No discurso da BBC acima, vemos a entrada da Rússia no conflito no qual o ministro de defesa russo diz que a luta contra o Estado Islâmico irá auxiliar tanto o governo como os rebeldes, mas de acordo com a BBC, os EUA e seus aliados acreditam que os ataques pelos russos só se deram em áreas em que há pouca ou nenhuma presença do Estado Islâmico, presumindo dessa maneira que eles estão atacando os rebeldes auxiliados pelo Ocidente e seus aliados. Ainda mostram uma fala de um membro ativista da oposição, dizendo que se os ataques Russos continuarem irão matar um grande número de civis. Também colocam um discurso de um general da OTAN, falando que o objetivo da Rússia é apenas a preservação do governo e que o objetivo de Putin, presidente da Rússia, é pressionar todos os grupos que estão contra o governo Assad. Portanto, o discurso da BBC procura deslegitimar a atuação da Rússia na Síria e o discurso de seu ministro de defesa, por serem aliados do governo de Bashar. Isso se mostra ao ressaltar discursos da oposição e de um general da OTAN, ao tentar mostrar que os russos não estão lá para combater terroristas do Estado Islâmico e sim para atacar civis e rebeldes. Isso mostra a tentativa de passar uma imagem negativa dos Russos por serem aliados do governo ao mesmo tempo que assimila os civis junto com os rebeldes como vítimas.

'Chemical attack' in Syria draws international outrage

A suspected chemical attack on a rebel-held town in Syria's Idlib province has drawn widespread international condemnation, with the United Nations saying it will investigate the bombing raid as a possible war crime. [...] A member of the White Helmets, a rescue group that operates in rebel-held areas, told Al Jazeera that up to 300 people had been injured. [...] The Syrian National Coalition, an opposition group, said a gas similar to sarin was used in the attack, which it blamed on government planes. [...] If confirmed, it would be the deadliest chemical attack in Syria since sarin gas killed hundreds of civilians in Ghouta, near the capital, Damascus, in August 2013. Western states said the Syrian government was responsible for the 2013 attack. [...] a chemical weapons expert in Washington DC, said it was "unlikely" that the

³⁷ O ministério de defesa russo disse inicialmente que a primeira onda de ataques atingiu apenas o grupo jihadista, o Estado islâmico (IS), que controla grandes partes da Síria e está lutando contra o governo e as forças rebeldes. [...] Mas os EUA e seus aliados observaram que as greves ocorreram onde IS tinha pouca ou nenhuma presença. Em vez disso, eles pareciam estar voltados para rebeldes apoiados por países árabes do Golfo e ocidentais que estão avançando na província de Latakia - o coração costeiro da seita Alawite de Assad. [...] Mas ativistas da oposição e combatentes rebeldes expressaram alarme. "Se essas incursões continuarem assim, a Rússia matará um número maior de civis que Bashar fez em quatro anos" [...] O Supremo Comandante Aliado da Otan Europa, Gen Philip Breedlove acrescentou: "O alto da lista de Putin na Síria é preservar o regime contra aqueles que pressionam o regime e contra aqueles que vêem quem pode apoiar aqueles que pressionam o regime". (BBC, 2015, tradução própria). Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-34416519>

attack was not the work of the Syrian regime. [...] The US said Assad must be held accountable for chemical weapons attacks and demanded that Russia and Iran bring their ally to heel. [...] "While we continue to monitor the terrible situation, it is clear that this is how Bashar al-Assad operates: with brutal, unabashed barbarism," Secretary of State Rex Tillerson said. (AL JAZEERA, 2017).³⁸

Esse discurso da Al Jazeera fala sobre uma suspeita de ataque químico em cidade mantida pelos rebeldes, trazendo condenação internacional generalizada, com as Nações Unidas avisando que irá investigar como um crime de guerra. Os White Helmets, um grupo de resgate que atua na área dos rebeldes cita em 300 o número de feridos. De acordo com a oposição um gás similar a Sarin foi usado e foi culpado de ter sido utilizado por aviões do governo Sírio. Dizem que se a notícia for confirmada será o maior ataque desde o ataque em 2013 que matou centenas de civis, quando os países ocidentais responsabilizaram o governo. Diz que de acordo com um especialista em armas químicas de Washington, é "improvável" que o ataque não tenha sido trabalho do governo. Os EUA demandam que a Rússia e o Irã abandonem seu aliado e terminam com um discurso do secretário de Estado dos EUA, que afirma que é dessa maneira que Assad opera, com "uma barbárie brutal e descarada". Vemos assim pelo próprio título que ele tenta chamar a atenção para o ultraje sentido pela comunidade internacional, e ao criar um discurso antagonista contra o governo o mesmo procura acusá-lo antes mesmo das provas e dos relatos do ataque serem comprovados.

Assad did it, and Russians have a problem

It is now clear that the deadly nerve agent sarin, the same agent which the Assad regime used to kill up to 1,500 people in East Ghouta near Damascus in August 2013, was used in the chemical attack on Idlib last week. [...] President Bashar al-Assad appears to use chemical weapons when he is in serious trouble or bogged down in a fight. The attack at East Ghouta saved the regime, as many believe it was about to be overrun by rebels in August 2013. Extensive use of chlorine in Aleppo in December 2016 broke an almost five-year siege, and the attack last week was to try to take Idlib, which has resisted throughout the civil war. President Trump's targeting of the air base from which the Syrian Air Force jets took off was a reasonable, proportionate and

³⁸ Um ataque químico suspeito em uma cidade rebelde na província de Idlib da Síria provocou uma ampla condenação internacional, com as Nações Unidas afirmando que investigarão o ataque de bombas como um possível crime de guerra. [...] Um membro do White Helmets, um grupo de resgate que opera em áreas rebeldes, disse à Al Jazeera que até 300 pessoas ficaram feridas. [...] A Coalizão Nacional da Síria, um grupo de oposição, disse que um gás semelhante ao sarin foi usado no ataque, que culpou em aviões do governo. [...] Se for confirmado, seria o ataque químico mais mortal na Síria desde que o gás sarin matou centenas de civis em Ghouta, perto da capital, Damasco, em agosto de 2013. Os estados ocidentais disseram que o governo sírio foi responsável pelo ataque de 2013. [...] um especialista em armas químicas em Washington DC, disse que era "improvável" que o ataque não fosse o trabalho do regime sírio. [...] Os EUA disseram que Assad deve ser responsabilizado por ataques de armas químicas e exigiu que a Rússia e o Irã trouxessem seu aliado para o calcanhar. [...] "Enquanto continuamos a monitorar a terrível situação, é claro que é assim que Bashar al-Assad opera: com uma brutal barbárie", disse o secretário de Estado Rex Tillerson. (AL JAZEERA, 2017, tradução própria). Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/2017/04/chemical-attack-syria-170404195457304.html>

effective way to re-impose a chemical weapons taboo so effectively shattered in 2013 by international inaction over the Ghouta chemical attack. (CNN, 2017).³⁹

O discurso da CNN já diz que é claro que um agente químico mortal sarin foi utilizado pelo governo para matar mais de 1.500 pessoas em 2013, e que utilizou desse agente em 2017. Afirma no discurso que o presidente Bashar al-Assad parece usar armas químicas quando ele está em sérios problemas ou atordoado em uma briga. Que o ataque em 2013 salvou o governo de ser derrotado pelos rebeldes, que o uso de armas químicas em 2016 quebrou um cerco de 5 anos e que esse último em 2017 foi para tentar recuperar um território que resistiu a guerra civil. Portanto, de acordo com o discurso, o bombardeio do presidente Trump sobre a base aérea do governo, por onde os jatos da Força Aérea da Síria decolavam foi uma maneira “razoável, proporcionada e efetiva” de reimpor um tabu de armas químicas tão efetivamente quebrado em 2013 por inatividade internacional. Nesse discurso da CNN podemos ver claramente que todos os ataques culpam o regime, citando o uso dessas armas e métodos pelo governo, quando se sente pressionado e sentindo que vai perder, e ainda por cima diz que o bombardeamento dos EUA em uma base Síria foi um acontecimento positivo.

Syria 'chemical attack' down to Assad, US says

The White House says it is "confident" Bashar al-Assad's government was behind an apparent chemical attack that killed at least 58 people in north-west Syria. [...] The Syrian Observatory for Human Rights reported that strikes on Khan Sheikhoun by Syrian government or Russian jets had caused many people to choke. [...] "It is clear that this is how Bashar al-Assad operates," the US Secretary of State Rex Tillerson said, "with brutal, unabashed barbarism." (BBC, 2017).⁴⁰

Tillerson: Russia 'failure allowed Syria chemical attack' (BBC)

³⁹ Agora está claro que o agente mortal de nervos sarin, o mesmo agente que o regime de Assad costumava matar até 1.500 pessoas em East Ghouta, perto de Damasco, em agosto de 2013, foi usado no ataque químico da Idlib na semana passada. [...] O presidente Bashar al-Assad parece usar armas químicas quando está em sérios problemas ou está atolado em uma briga. O ataque em East Ghouta salvou o regime, já que muitos acreditam que estava prestes a ser invadido pelos rebeldes em agosto de 2013. O uso extensivo de cloro em Aleppo em dezembro de 2016 quebrou um cerco de quase cinco anos eo ataque na semana passada foi tentar pegue Idlib, que resistiu durante toda a guerra civil. O objetivo do presidente Trump sobre a base aérea a partir do qual os jatos da Força Aérea da Síria decolou foi uma maneira razoável, proporcionada e efetiva de reimprimir um tabu de armas químicas tão efetivamente quebrado em 2013 por inatividade internacional sobre o ataque químico de Ghouta. (CNN, 2017, tradução própria). Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/04/11/opinions/trump-right-syria-strike-opinion-de-bretton-gordon/index.html>

⁴⁰ A Casa Branca diz que é "confiante" O governo de Bashar al-Assad estava por trás de um aparente ataque químico que matou pelo menos 58 pessoas no noroeste da Síria. [...] O Observatório Sírio para os Direitos Humanos informou que as greves de Khan Sheikhoun pelo governo sírio ou jatos russos haviam causado que muitas pessoas se estrangulassem. [...] "É claro que é assim que Bashar al-Assad opera", afirmou o secretário de Estado dos EUA, Rex Tillerson, "com uma brutal barba realista". (BBC, 2017, tradução própria). Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-39493854>

US Secretary of State Rex Tillerson has criticised Russia, saying it had failed to prevent Syria from carrying out a chemical attack on a rebel-held town. [...] Talks will focus on how to increase pressure on Russia to distance itself from Syria's President Bashar al-Assad. [...] Russia is the Syrian government's main ally, and helped facilitate a 2013 agreement to destroy Syria's chemical arsenal. [...] The suspected chemical attack on Khan Sheikhoun last Wednesday left 89 people dead. In response, the US fired 59 missiles at a Syrian airbase on Friday. [...] The next two days will be dominated by a collective search for arguments to persuade President Vladimir Putin he must now end Russia's military support for President Assad and help accelerate a negotiated political transition. [...] UK Foreign Secretary Boris Johnson is expected to press the case for new sanctions against Russia if they don't give ground. Mr Tillerson wants to go on from here to Moscow able to confront the Russians with a strong set of demands backed by key US allies. [...] "whether Russia was complicit here or whether they were simply incompetent or whether they got outwitted" by the Syrian government, they had "failed in their commitment to the international community", Tillerson said. (BBC, 2017).⁴¹

No discurso da BBC observa-se uma predominância de discursos críticos à Rússia e ao governo, quando os acusa de serem os detentores do ataque. No primeiro, apresenta a acusação da Casa Branca dos EUA que imediatamente culpa o governo por um ataque químico, depois fala-se sobre uma informação do Observatório Sírio para os Direitos Humanos acusando os ataques contra Khan Sheikhoun pelo governo sírio ou jatos russos, causando com que muitas pessoas sufocassem. Na outra notícia mostra críticas diretas à Rússia, ao não conseguir impedir os ataques químicos na Síria em uma cidade rebelde. Fala-se sobre discussões sobre como pressionar a Rússia a se distanciar de Bashar al-Assad, e voltar-se para uma transição de governo. Utiliza-se um trecho da fala do secretário de Estado para reforçar a imagem negativa de Assad, ele menciona a possível incompetência russa ou que eles foram enganados pelo governo sírio, em acabar com toda a reserva de armas químicas sírias, que foi aceito e assinado pelo presidente Bashar e fiscalizado pelos russos, depois de um ataque químico em 2013 o Ocidente culpou o governo. Finaliza o discurso falando em como os falharam com a comunidade internacional, reforçando assim a imagem negativa dos mesmos.

⁴¹ O secretário de Estado dos EUA, Rex Tillerson, criticou a Rússia, dizendo que não conseguiu impedir que a Síria realizasse um ataque químico contra uma cidade rebelde. [...] As conversas se concentrarão em como aumentar a pressão sobre a Rússia para se distanciar do presidente da Síria, Bashar al-Assad. [...] A Rússia é o principal aliado do governo sírio e ajudou a facilitar um acordo de 2013 para destruir o arsenal químico da Síria. [...] O suspeito de ataque químico em Khan Sheikhoun na quarta-feira passada deixou 89 pessoas mortas. Em resposta, os EUA dispararam 59 mísseis em uma base aérea síria na sexta-feira. [...] Os próximos dois dias serão dominados por uma busca coletiva de argumentos para persuadir o presidente Vladimir Putin, ele deve agora acabar com o apoio militar da Rússia ao presidente Assad e ajudar a acelerar uma transição política negociada. [...] O ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido, Boris Johnson, deverá pressionar o caso de novas sanções contra a Rússia se não derem lugar. O Sr. Tillerson quer continuar daqui a Moscou para enfrentar os russos com um forte conjunto de demandas apoiadas por aliados dos EUA. [...] "se a Rússia era cúmplice aqui ou se eles eram simplesmente incompetentes ou se eles eram superados" pelo governo sírio, eles "falharam em seu compromisso com a comunidade internacional", disse Tillerson. (BBC, 2017, tradução própria). Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-us-canada-39548388>

Por motivos de possuir um grande número de notícias e artigos sobre o assunto abordado, foram escolhidos apenas alguns discursos específicos dos portais de mídia para auxiliar no entendimento deste artigo. Também, optou-se por colocar alguns títulos que foram selecionados pelas respectivas mídias já citadas, para a melhor compreensão do que já foi dito acima, sobre a questão da relação negativa da imagem do governo e de Bashar Al Assad nos discursos da mídia, isso foi feito para ampliar um pouco o escopo do estudo visto que não se caberia tantas análises de discursos, devido que foram selecionados desde 2011 até 2017. Abaixo alguns títulos seguidos de seus respectivos links em nota de rodapé.

Títulos da CNN sobre o conflito sírio:

- Bashar al-Assad: Syria's unintended president (CNN)⁴²
(Bashar al-Assad o presidente não intencional)
- Why the Syrian regime is killing babies (CNN)⁴³
(Por que o regime sírio está matando bebês)
- Bashar al-Assad is Syria's problem, not its solution (CNN)⁴⁴
(Bashar al-Assad é o problema da Síria e não sua solução)
- While they were talking: How the world failed Syria this week (CNN)⁴⁵
(Enquanto eles estavam falando, como o mundo falhou com a Síria)
- Why Syrian civilians get killed with barrel bombs and chemical attacks (CNN)⁴⁶
(Por que civis sírios estão sendo mortos por bombas e ataques químicos)
- Is Syria becoming the new Iraq? (CNN)⁴⁷
(A Síria está se tornando o novo Iraque?)

Títulos da Al Jazeera sobre o conflito sírio:

- Absurdity is questioning a dictator's motives (AL JAZEERA)⁴⁸
(Absurdo é questionar os motivos de um ditador)
- Syria's Assad 'plans to escape to Russia' (AL JAZEERA)⁴⁹
(O plano de Assad da Síria para escapar para a Rússia)
- Why Bashar al-Assad is still in power? (AL JAZEERA)⁵⁰

⁴² Disponível em: <http://edition.cnn.com/2011/WORLD/meast/08/10/syria.al.assad.profile/index.html>

⁴³ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/05/31/opinion/ghitis-syria-killing-children/index.html>

⁴⁴ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2015/10/04/opinions/syria-assad-problem-obaid/>

⁴⁵ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2016/09/23/middleeast/syria-aleppo-bombing-aid-ung-failed/index.html>

⁴⁶ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/04/06/middleeast/syria-weapons-against-civilians/index.html>

⁴⁷ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/05/31/opinion/syria-sectarian-conflict/index.html>

⁴⁸ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/04/assad-chemical-attack-rebels-170420094244949.html>

⁴⁹ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2012/10/2012107134952895805.html>

⁵⁰ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/2016/09/syria-bashar-al-assad-power-160904081138141.html>

(Por que Bashar al-Assad ainda está no poder?)

- Syrian opposition in Riyadh: Assad has to go (AL JAZEERA)⁵¹

(A oposição síria em Riyadh: Assad tem que ir)

- Is Russia afraid of losing Syria? (AL JAZEERA)⁵²

(A Rússia está com medo de perder a Síria?)

- US to Russia: Abandon Syria's President Bashar al-Assad (AL JAZEERA)⁵³

(EUA para a Rússia: Abandone o presidente Bashar al-Assad da Síria)

Títulos da BBC sobre o conflito sírio:

- Assad facing down rebellion (BBC)⁵⁴

(Assad encarando uma rebelião)

- 'Time to end Syrian regime,' say rebels near Damascus (BBC)⁵⁵

(“Tempo de acabar com o regime sírio”, dizem rebeldes próximo a Damasco)

- Do 55% of Syrians really want President Assad to stay? (BBC)⁵⁶

(55% dos sírios realmente querem que Assad permaneça?)

- Syria: Russian air strikes 'kill dozens of civilians' (BBC)⁵⁷

(Ataques aéreos russos “matam dezenas de civis)

- Syria conflict: Who are the groups fighting Assad? (BBC)⁵⁸

(Conflito sírio: Quem são os grupos lutando por Assad?)

- Syria's sectarian conflict spreads to Lebanon (BBC)⁵⁹

(O conflito sectário da Síria se espalha para o Líbano)

Portanto ao analisarmos alguns desses títulos já se consegue identificar uma imagem negativa por parte do governo e do presidente Sírio Bashar al-Assad. Devido ao grande conteúdo de notícias, não foi possível colocar uma grande quantidade, mas apenas pela leitura dos títulos já se consegue perceber uma introdução do discurso que está por vir nos discursos que são utilizados por esses portais de mídia sobre o conflito sírio.

⁵¹ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/2017/11/syrian-opposition-riyadh-assad-171122190540923.html>

⁵² Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/russia-afraid-losing-syria-171129090329298.html>

⁵³ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/2017/04/russia-abandon-syria-president-bashar-al-assad-170411110327774.html>

⁵⁴ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/10338256>

⁵⁵ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-18950700>

⁵⁶ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-17155349>

⁵⁷ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-42133112>

⁵⁸ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-34710635>

⁵⁹ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/av/world-middle-east-22963320/syria-s-sectarian-conflict-spreads-to-lebanon>

5 ANÁLISE DE DISCURSO DAS NOTÍCIAS SOBRE A SÍRIA NO MODELO DE HANSEN

Desta forma, através das informações no modelo de pesquisa da análise de discurso proposto por Hansen, temos esse esquema de pesquisa:

Figura 3 - Estrutura analítica da pesquisa



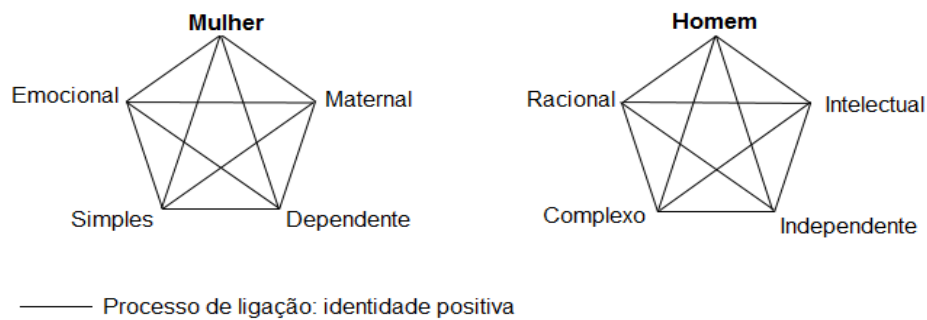
Fonte: Modelo proposto por Lene Hansen (2006, p.81).

Essa proposição permite construir um desenho de pesquisa capaz de abordar os principais elementos de um discurso (ou vários discursos). Nessa estrutura, são colocados tanto os atores quanto o contexto discursivo, ou seja, preocupa-se não somente com quem é responsável pelo enunciado, mas também onde e como o discurso em questão foi construído, tomando essa preocupação como necessária à compreensão de todos os elementos que virão a constituir o “Eu” e o “Outro” no processo de diferenciação também proposto pela autora. “A estratégia da análise do discurso é a de incorporar fatores materiais e ideacionais ao invés de privilegiar um em detrimento do outro” (HANSEN, 2006, p.23, tradução própria).

Assim, Hansen (2006, apud LEITE, 2012), apresenta dois processos que servem de estrutura nesses casos, que são o processo de ligação e o processo de diferenciação. O primeiro se caracteriza pela identificação dos significados que irão, em conjunto, mostrar como cada identidade é construída. O segundo processo coloca uma identidade de encontro a outra, buscando mostrar como a construção discursiva dessas identidades se relacionam.

Como forma de exemplificar o processo de ligação, HANSEN (2006, apud LEITE, 2012), apresenta o seguinte modelo:

Figura 4 - Processo de ligação.



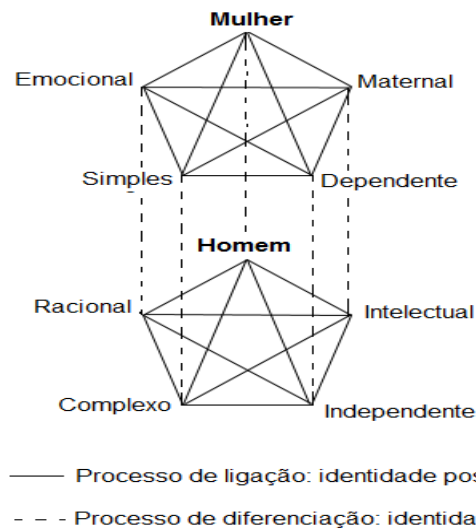
Fonte: Adaptado de HANSEN (2006, apud LEITE, 2012, p. 202).

Neste modelo, as características destinadas à mulher são contrapostas às vinculadas ao homem. Tais características dizem respeito à construção das identidades e são específicas de cada ator. Apesar dessas características se relacionarem dentro dos atores, elas precisam passar por uma desconstrução em relação ao outro ator analisado, para que aquilo que é observado como construção positiva possa ser enxergado como realmente é, uma relação hierárquica e posicional (HANSEN, 2006, apud LEITE, 2012). É importante salientar que, se essas identidades forem analisadas individualmente elas irão reafirmar as características já intrínsecas a elas, portanto, para que as instabilidades presentes nas identidades apareçam, é necessário realizar o processo de diferenciação.

A diferenciação proposta por Hansen é próxima do que Campbell (1998) discute no processo de construção das identidades. Para este autor, as construções negativas de “perigo” e “ameaça” dependem não apenas da exaltação do “Eu”, mas da construção de um espaço ou posição em que o “Outro” possa ser percebido como “mau” ou “inferior” (LEITE, 2012, p. 203).

O modelo a seguir exemplifica o processo de diferenciação proposto por Hansen (2006):

Figura 5 - Processo de ligação e diferenciação.

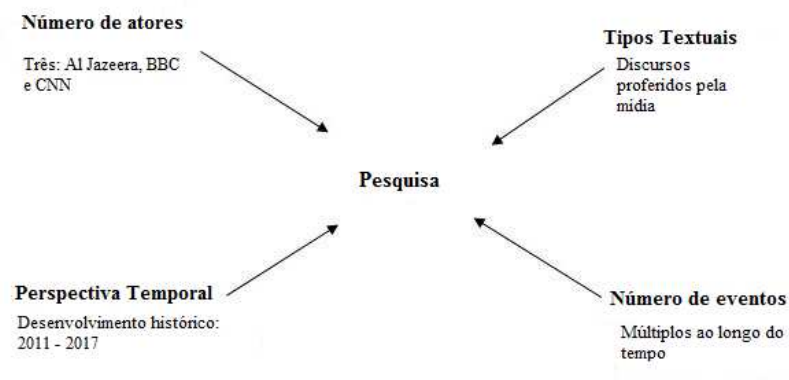


Fonte: Adaptado de HANSEN (2006, *apud*, LEITE, 2012, p. 203).

Observando o modelo do processo de diferenciação apresentado por HANSEN (2006, Apud, LEITE, 2012), pode-se perceber que as identidades não são apenas construídas, mas justapostas de tal maneira que uma, neste caso a do homem, adquire uma posição superior à da outra, a mulher. Assim, fica claro que, a simples caracterização das identidades não é suficiente para mostrar as instabilidades e dicotomias presentes nos discursos.

Dessa forma, colocando essas informações no modelo de pesquisa da análise de discurso proposto por Hansen, temos o seguinte esquema:

Figura 6 - Análise dos discursos da mídia.



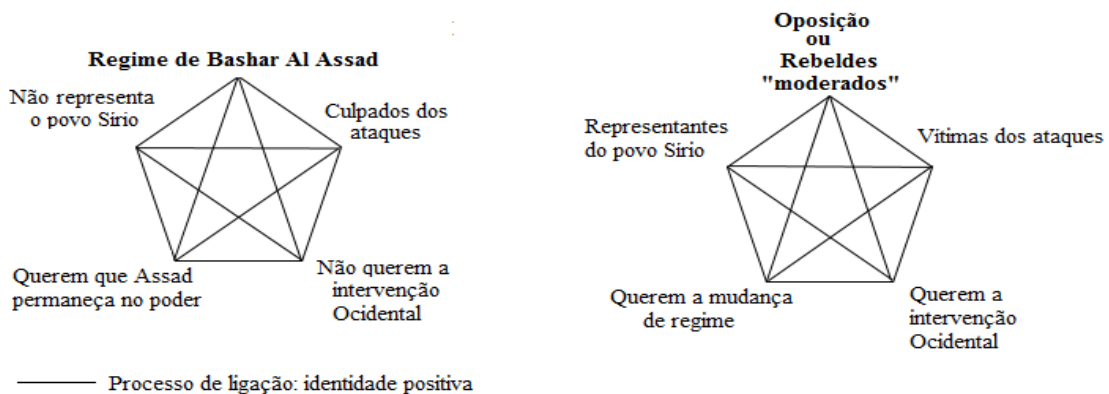
Fonte: Adaptado de HANSEN (2006, p. 81, *apud* LEITE, 2012, p. 201).

Em relação ao número de atores, foram selecionados três grandes portais da mídia, Al Jazeera, BBC e CNN. Em relação aos eventos, foram selecionados múltiplos eventos

relacionados ao longo do tempo. Essa escolha ocorreu após a percepção de que as características utilizadas na construção da identidade do governo pouco ou nada mudou com o tempo. Sobre os tipos textuais foram os discursos proferidos pela mídia, respectivamente esses três portais de notícias em seus respectivos portais.

Portanto, no caso da Síria, é preciso elucidar quais características são utilizadas para definir os efeitos identitários do conflito sírio nos discursos midiáticos da BBC, da CNN e da Al Jazeera, procurando aqui pelas suas similaridades, neste caso, a oposição e os rebeldes “moderados” em comparação com o governo de Bashar al-Assad, dado que a construção de uma identidade ocorre quando esta é posta em contraponto à outra. Desse modo, utiliza-se o modelo do processo de ligação, proposto por Hansen, para apresentar como as características inerentes ao governo de Bashar al-Assad e à oposição ou rebeldes “moderados” aparecem dentro dos discursos desses três gigantes da mídia.

Figura 7 - Processo de ligação entre as identidades do Governo de Bashar al-Assad e da oposição ou rebeldes “moderados”.



Fonte: Adaptado de HANSEN (2006, *apud*, LEITE, 2012, p. 202).

As características apresentadas neste modelo podem ser encontradas em praticamente quase todos os discursos feitos pelos jornalistas desses canais da mídia a qual é feito o atual estudo. Quase sempre que acontece algum evento de bombardeamento, ataque químico, massacre ou outros tipos de ataques, imediatamente procura se culpar o governo de Assad ou seus aliados, enquanto que os rebeldes ou a dita oposição são diversas vezes as vítimas dos ataques.

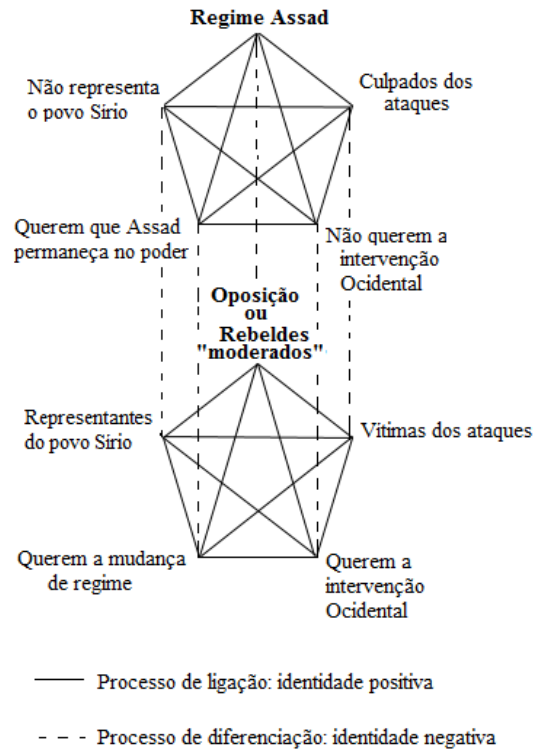
A ideia de um governo opressor que só maltrata o povo Sírio é algo constante nas notícias, trazendo assim um discurso que busca uma mudança de regime, pressionando o Ocidente para a retirada de Assad do governo, através de uma intervenção ocidental. A culpa pelos ataques não é somente atribuída ao governo e suas forças de segurança, como dito antes, a Rússia que defende o governo também é culpada por consequência de sua aliança com o atual regime, e também se atribui a culpa dos ataques à Rússia na região, quando não especificam a ocorrência dos ataques pelo governo, nos discursos da mídia.

É constante o intuito da mudança de regime nas notícias que correm na mídia sobre a Síria, com uma repetição sendo observada em quase todas as notícias de que a Síria só irá melhorar se houver a mudança de regime. Mostra-se dessa maneira uma espécie de vilanização ou demonização do governo e da figura do próprio Assad como sendo um regime tirânico, ditatorial e do mal.

No que concerne às características dos rebeldes à oposição ou aos rebeldes “moderados”, pode-se perceber, nos discursos dessas mídias, que eles são retratados como um povo que luta para permanecer em sua terra de direito, defendendo-se de um governo de terror e violência impostos a eles. Além disso se nota nos discursos da mídia que se repete inúmeras vezes que os rebeldes são um povo pacífico, que defendem a paz acima de tudo e que o governo al-Assad é o principal impasse para a busca da paz na Síria, dessa maneira com o apoio Ocidental seria o fator chave para a vitória no território Sírio, abrindo assim portas para uma troca de regime.

De acordo com Hansen, para que a análise da construção das identidades seja mais clara é preciso que as características inerentes a essas identidades sejam sobrepostas, a fim de demonstrar que, durante o processo de criação, uma delas recebe características que a torna superior e a outra recebe características que a inferiorizam. Neste caso, o processo de diferenciação é utilizado como mecanismo para elucidar essa construção.

Figura 8 - Processo de ligação e diferenciação entre as identidades do governo Sírio e da oposição ou rebeldes “moderados”.



Fonte: Adaptado de Hansen (2006), apud, Leite (2012, p. 203).

Observando o processo de diferenciação acima, pode-se perceber que o governo de Bashar al-Assad possui características negativas como culpados dos ataques no território sírio, não representando o povo sírio, que não irá sair do poder, que são violentos com a oposição, enquanto que a oposição ou os rebeldes, têm características positivas, sendo considerados os representantes do povo sírio, querem a mudança de regime e lutam por liberdade, que são as vítimas dos ataques do regime e seus aliados. Isso demonstra que, neste caso, a identidade dada ao governo de Assad se retrata como a identidade inferior pela mídia analisada nesse trabalho, fazendo com que, nos discursos, o governo de Bashar e seus aliados sejam vistos como o outro, o inimigo, o mau e aqueles que devem ser combatidos, e para isso tem que se haver ajuda da comunidade internacional e apoio do Ocidente. Enquanto que a oposição ou os rebeldes são os que devem ser protegidos, auxiliados para remover um regime que só maltrata o próprio povo, os discursos da mídia trazem a possibilidade de intervenção ocidental como um fator de auxílio à oposição e um meio de acabar com o governo de Bashar al-Assad.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Relações Internacionais contemporâneas estão mergulhadas em um ambiente informacional. Apesar da incipiência de estudos acerca do papel da mídia nas relações internacionais, sobre a comunicação internacional e sua influência no campo das Relações Internacionais, tal temática não pode mais ser afastada desta área do conhecimento. Embora a escassez de bibliografia na área de Relações Internacionais se coloque como um obstáculo para os pesquisadores que enveredam pela temática da comunicação este fato não diminui a sua relevância.

Muitos estudiosos acreditam que os meios de comunicação em nada alteram a conjuntura do cenário em que se apresentam. Para eles, a televisão, os jornais, as rádios e a internet não passam de meios para a transmissão de mensagens sem representar qualquer interferência na vida da população, que ainda vive alienada. Outros atribuem à mídia a função disseminadora de ideias governamentais, ou comerciais, para manipular a população sobre determinado assunto. Numa configuração mais atual, há ainda aqueles que desprestigiam completamente o papel das mídias sociais digitais alegando a inconfiabilidade das fontes geradoras de notícias neste ambiente. Não faltam discussões.

Podemos perceber ao longo deste estudo, que os meios de comunicação se transformaram em atores importantes das Relações Internacionais. Sua participação na dinâmica internacional tem aumentado seu grau de influência perante outros atores do sistema. Devido a sua capacidade de construir realidades e formular consensos, a mídia ganhou o apreço dos Estados, que hoje a utilizam como peça fundamental para a propaganda política como forma de *soft power*, dispersando ideias, culturas e valores que beneficiem o poder do Estado.

Também podemos afirmar que a mídia ganhou novas roupagens na medida em que se tornou mais influente no sistema internacional. Sua característica multifuncional lhe dá uma ampla margem de manobra para atuar nos mais diversos eventos, podendo atuar como um ator controlador, constrangedor, interventor, instrumental ou conflituoso, dependendo da situação e do contexto que estiver inserida. Logo, diferente de outros atores das relações internacionais a mídia não possui uma identidade fixa, isso causa certa imprevisibilidade na sua conduta.

A mídia já provou que é um importante agente internacional, que tem ganhado cada vez mais espaço na vida das sociedades no mundo todo, principalmente após a ascensão das novas mídias, como a internet e a ascensão de outras tecnologias. Este trabalho analisou os efeitos dos modernos meios de comunicação e da imprensa sobre os assuntos de política externa e também a interferência desses novos meios na agenda internacional e na disputa pelo poder.

Observou-se que a mídia pode ter cinco formas diferentes de atuação nas relações internacionais, dependendo dos atributos, dos tipos de atividades, dos contextos e dos conceitos. São elas: controladora, constrangedora, interventora, instrumental e conflituosa. Como controladora, a mídia torna-se atriz influente na formulação de políticas relacionadas à defesa e às crises humanitárias. Como constrangedora, procura influenciar os líderes políticos a tomar determinadas decisões e a agir em curto prazo. Como interventora, atua como mediadora das negociações internacionais. Como instrumental, serve de ferramenta para mobilizar suporte e lograr acordos. Como conflituosa, atua como agente de disseminação de notícias causadoras de conflitos.

Vale ressaltar também a importância da mídia na formulação da opinião pública. O poder sobre a opinião é imprescindível para a criação de consensos, ou seja, uma aprovação coletiva. Os Estados estão sempre em busca desse consenso, principalmente no que diz respeito às suas ações de governo, e possivelmente utilizando da mídia para esses meios. Podendo talvez ser esse um possível objetivo dos Estados quando utilizam os meios de comunicação para disseminar seus ideais políticos.

A internet e suas ferramentas interativas, encerra a era do consumidor passivo, de notícias pré-fabricadas. Agora, a informação não é somente recebida, mas também produzida e disseminada pelas pessoas, porém algumas redes de comunicação ainda detêm uma imensa influência sobre a audiência mundial, também devido ao seu tamanho e alcance muitos indivíduos vão para ela para se informar dos acontecimentos no mundo.

Através das análises de Gilboa, é possível afirmar que no contexto do conflito Sírio, a mídia analisada nesse trabalho atuou como um ator importante na propagação de notícias, com capacidade de influenciar políticas externas na região e que procura sempre não ser um mero fornecedor de palco coadjuvante, que apenas relata acontecimentos. Mas que na realidade usa excessivamente de um modelo de discurso seletivo para retratar o governo como um regime opressor, que deve ser combatido, com intuito de influenciar a opinião pública contra Bashar.

O conjunto desses fatores, que podem ser verificados nas matérias analisadas, faz com que a mídia perca uma de suas principais bases, que é o princípio de isonomia, o qual prega a necessidade de não privilegiar nenhum dos lados de um fato, dificultando assim acreditarmos em sua imparcialidade na retratação de notícias da região. Com isso, além da constatação de uma presença tendenciosa de informações na divulgação dos acontecimentos na Síria, que podem influenciar a maneira do público pensar e opinar sobre o assunto, o leitor desses portais ainda está sujeito à seleção, que essas redes internacionais de notícia fazem, do que deve ou não ser divulgado.

Isso é nítido pela alta considerável de notícias sobre a Síria que querem que Bashar seja derrubado, mas pouco se divulga sobre as perdas do exército Sírio ou pouco importa para a mídia, visto que em sua concepção estão auxiliando a mostrar os crimes cometidos por um ditador e não enxergam a sobrevivência da Síria com Assad no poder, utilizando de reportagens tendenciosas com pouca investigação ou fontes não completamente confiáveis. Portanto nesse estudo, vimos através da taxonomia de Gilboa, que a mídia estudada aqui atuou de forma controladora, através do CNN effect e o agenda setting, e atuou de forma conflituosa no sentido de tentar persuadir seu público a pressionar e influenciar as políticas governamentais para um determinado objetivo, no caso o de ação no território Sírio para a queda de um regime.

A questão acerca de que fontes ou vozes dominam as reportagens de guerra representa um mecanismo de indicação de balanço e equilíbrio que deveria estar presente no processo de construção dos fatos pelos meios de comunicação. A fala ou discurso de um ator é um dos principais modos de se medir a imparcialidade ou parcialidade de um discurso, pois permite observar quais fontes os jornalistas ouvem para a produção das notícias.

A função de efeito da CNN da mídia com os canais de comunicação pode ser usada para dar uma resposta aos assuntos estrangeiros por políticos ou eles podem ser usados para obter apoio público para políticas também. A troca de informações ocorre entre os lados dos políticos, públicos e da mídia. Portanto, o poder das mídias para influenciar o processo político depende de suas relações e impactos na percepção pública de assuntos externos. Por outro lado, os governos precisam da mídia para a conquista da publicidade. Os aspectos desta relação vinculam os meios de comunicação com os políticos e o público em relatos de questões políticas. Isso serve para fornecer uma compreensão particular do perfil da mídia como um jogador na formulação da política externa.

A Análise de Discurso das matérias e editoriais no contexto do conflito Sírio, demonstra as semelhanças dos três portais de notícias e de seus discursos, com relação à influência da mídia internacional e com relação ao modo como apresentaram a construção da situação na Síria. Pode-se afirmar que prevaleceu, nos três portais analisados, um discurso belicoso e negativo em relação ao governo, centrado nas estratégias militares dos Estados Unidos e seus aliados, da mesma forma que acusa o atual governo sírio por boa parte da violência na região e pede-se a necessidade da transição do governo para a solução do conflito.

Também foi possível perceber a construção de discursos frágeis, marcados pela falta de critérios e pouca investigação de fontes. Privilegiaram as falas de políticos e da oposição que são contra o governo Assad, no caso sírio. A homogeneização das notícias, a ausência de

pluralidade de enquadramentos, a parcialidade nos relatos publicados, a recorrência às mesmas fontes como os Syrian Observatory for Human Rights e os White Helmets.

Podemos perceber então o domínio do discurso das agências internacionais de notícia e a preponderância do discurso ocidental, também a forma como Al Jazeera, BBC e CNN apresentou aos seus leitores o conflito na Síria ao demonstrar o governo de Bashar al-Assad como um mal para o povo sírio e para o mundo. Isso também expressou a escolha em se concentrarem em alguns aspectos do conflito e relativizarem outros. Portanto ao se considerar que o mundo é social e linguisticamente construído, notamos a necessidade de se atentar que ao construir discursos, a mídia cria a sua visão de realidade. Dessa maneira esse estudo procura demonstrar que ao criar seus discursos, a mesma mostra parcialidade na sua visão sobre os acontecimentos da Síria. Assim é necessário entender que cada país tem problemas complexos, que devem ser analisados com cautela, devendo-se assim não tomar discursos criados pela mídia como sendo a retratação da verdade absoluta ou da realidade na região.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: Editora UnB: Ipri; São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A desordem mundial: O espectro da dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. Editora José Olympio. 29 de setembro de 2016. Edição do Kindle.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **The evolution of international security studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CAMARGO, Julia Faria. “**O papel dos atores domésticos no processo de tomada de decisão em política externa: Uma análise da mídia**”. 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/70951870/camargo-1>>. Último acesso: 23 de junho de 2017.

CAMARGO, Júlia Faria. **Ecos do Frigor: a invasão do Iraque em 2003 – Mídia internacional e a imprensa brasileira**. Brasília: UnB, 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília - IREL-UnB, Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1307/1/DISSERTACAO_2008_JuliaFariaCamargo.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

CAMPBELL, David. *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

CAVALCANTI, Klester. **Dias de Inferno na Síria: o relato de um jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra**. São Paulo: Benvirá, 2012. p. 296.

CERQUEIRA, Rodrigo. **Diários do Príncipe: Imprensa e política externa no governo Cardoso (1995-2002)**. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – PUC-RIO.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FILDIS, Ayse Tekdal. **Roots of Alawite-Sunni Rivalry in Syria**. *Middle Policy*, v. XIX, nº 2. 2012. Disponível em: <<http://www.mepc.org/roots-alawite-sunni-rivalry-syria>>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

FREITAS, Fabiana Paschoal. Interdependência e Opinião Pública. In: Org. OLIVEIRA, Odete Maria de; Arno Dal Ri Júnior. *Relações Internacionais: interdependência e sociedade global*. Ijuí, Unijuí, 2003.

FUJII, William. **O Estado Islâmico e o Xadrez Geopolítico dos Conflitos na Síria e no Iraque**. São Carlos: III Semana de Ciência Política, Universidade Federal de São Carlos, 2015. Disponível em: < <http://www.semecip.ufscar.br/wpcontent/uploads/2014/12/William-Fujii.pdf> >. Acesso em: 10 jun. 2017.

GILBOA, Eytan. **Global Communication and Foreign Policy**. *Journal of Communication*; dez., 2002; v. 52, n. 4; p. 731-748.

GILBOA, Eytan. **Global Television News and Foreign Policy: debating the CNN Effect**. *International Studies Perspectives*. v. 6, n. 3, 2005, p. 325-341.

GILBOA, Eytan. **Media Diplomacy: Conceptual Divergence and Applications**. *The Harvard International Journal of Press/Politics*, v. 3, n. 3, 1988, p. 56-75.

GILBOA, Eytan. **Media-Broker Diplomacy: When Journalists Become Mediators**. *Critical Studies in Media Communication*, v. 22, n. 2, 2005, p.99-120.

HANSEN, Lene. **Reconstructing desecuritisation: the normative-political in the Copenhagen School and directions for how to apply it**. *Review of International Studies*. British International Studies Association. Primeira publicação online, 30 de novembro 2011.

HANSEN, Lene. *Security as practice: discourse analysis and the Bosnian war*. London: Routledge, 2006.

HENERY, Michelle. **WHY DO WE SEE WHAT WE SEE?** A comparison of CNN International, BBC World News and Al Jazeera English analysing the respective drivers influencing editorial content. 2010. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/research/files/Why%2520do%2520we%2520see%2520what%2520we%2520see%2520A%2520comparison%2520of%2520CNN%2520International%2520BBC%2520World%2520News%2520and%2520Al%2520Jazeera%2520English%2520analysing%2520the%2520respective%2520drivers%2520influencing%2520editorial%2520cont.pdf>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

HINNEBUSCH, Raymond. **“Syrian Foreign Policy under Bashar al-Asad”**. *Ortadoğu Etütleri*. July 2009, Volume 1, No 1, p. 7-26. Disponível em: <<http://www.orsam.org.tr/files/OE/1-1/1hinnebusch.pdf>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

HINNEBUSCH, Raymond et al. **Syrian foreign policy and the United States: from Bush to Obama**. [S.l.], 2010. (St. Andrews papers on Contemporary Syria). Disponível em: <<https://ojs.st-andrews.ac.uk/index.php/syria/article/viewFile/715/619>>. Acesso em: 15 de julho de 2017.

HOURANI, SALIBI e outros. **Syria**. Encyclopædia Britannica, inc. Pub. Dezembro 09, 2016. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Syria>>. Acesso em: 21 de mai de 2017.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul: manual de comunicação. 2 ed. 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAWSON, Fred. Global security watch Syria. *Praeger ABC-CLIO*, Santa Barbara, 2013.

LEITE, Lucas. O Discurso como objeto de estudo e instrumento metodológico nas Relações Internacionais. Monções: Revista de Relações Internacionais da Universidade Federal Grande Dourados, Vol. 1, No 1. UFGD, Mato Grosso do Sul, Jan/Jun de 2012, p. 182-207.

LESCH, David. *The New Lion of Damascus: Bashar al-Asad and Modern Syria*, New Haven: Yale University Press, 2005.

LIVINGSTONE, Steve. (1997), Clarifying the CNN Effect: An Examination of Media Effects According to Type of Military Intervention, Research Paper R 18, Joan Shorenstein Center on the Press, Politics and Public Policy, John F. Kennedy School of Government, Harvard University.

MARINUCCI, Raquel Boing. Relações Internacionais e mídia. *Univ. Rel. Int.*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 43-52, jan./jun. 2008.

MARQUES, Guilherme Bez. **Velhos e novos atores**: as relações internacionais de Vestfália ao século XXI. *IOS GENTIUM - Revista virtual. Teoria e Comércio no Direito internacional*, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. *LUA NOVA - Revista de Cultura e Política*, Nº 55/56, p. 155-184, 2002.

MOHAMMED, Yasmin. **O NACIONALISMO ÁRABE E O PARTIDO BAATH: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA DA ASCENSÃO DE HAFEZ AL-ASSAD (1970-2000) À PRESIDÊNCIA DE BASHAR AL-ASSAD (2000-2010)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

MUTIMER, David. **Critical security studies: a schismatic history**. In: COLLINS, Alan (Ed.). *Contemporary security studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

NYE Jr., Joseph.. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**: New York: Public Affairs, 2004.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Entrevista concedida ao programa Public Affairs do Carnegie Council. Disponível em: <<https://www.carnegiecouncil.org/studio/multimedia/20110210-the-future-of-power>> Acesso em: 28 de Julho de 2017.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. **A mídia como ator emergente das relações Internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94242/284318.pdf?sequence>>. Acesso em: 03 de agosto de 2017.

ONOFRE, Raissa Lima. **A diplomacia midiática como estratégia de ação governamental**. Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB) João Pessoa, 2011.

PAPISCA, Antonio. **Introduzione allo Studio delle Relazioni Internazionali**. Torino: Giappichelli Editore, 1973.

PERTHES, Volker. **Syria under Bashar al-Asad: Modernisation and the Limits of Change**, Adelphi Papers, London: Oxford University Press for IISS, 2004.

RICOUER, Paul. **O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento**. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: Educ, 1992.

ROBERTS, Paul Craig. **How America Was Lost: From 9/11 to the Police/Welfare State**. Atwell Publishing. March 1, 2014. Edição do Kindle.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Editora Argos, 2002. U.S. Library of Congress. **Geography**. Disponível em: <<http://countrystudies.us/syria/19.htm>>. Acesso em: 21 de mai de 2017.

TOMÁS, Maria João. O conflito da Síria: as dinâmicas de globalização, diplomacia e segurança – parte 01: O conflito da Síria: O Quadro Global. Centro de Investigação de Segurança e Defesa, 2014, ISCTE-UNL, Lisboa, Portugal

U.S. Library of Congress. **WORLD WAR I**. Disponível em: <http://countrystudies.us/syria/8.htm>>. Acesso em: 21 de mai de 2017.
United States Department of State, Bureau of Democracy, Human Rights and Labor. **International Religious Freedom Report for 2011**. Disponível em: <https://www.state.gov/documents/organization/193119.pdf>>. Acesso em: 21 de mai de 2017.

VALENTE, Leonardo. **Política Externa na era da informação: O novo jogo do poder, as novas diplomacias e a mídia como instrumento de Estado nas relações internacionais**. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2005.

WOLF, Mauro. **Teoria das Comunicações de Massa**. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLFSFELD, G. (2004), **Media and the Path to Peace**, Cambridge University Press World Statistics Pocketbook/United Nations Statistics Division. **Syrian Arab Republic**. Disponível em: <http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=Syrian%20Arab%20Republic>>. Acesso em: 21 de mai de 2017.

ZAHREDDINE, Danny. **“Grande Síria” sob o mandato francês**. Revista Conjuntura Austral. ISSN: 2178-8839. Vol. 4, nº. 20. Out. Nov 2013.

ZAHREDDINE, Danny. **A crise na síria (2011-2013): uma análise multifatorial**. Revista Conjuntura Austral. ISSN: 2178-8839. Vol. 4, nº. 20. Out. Nov 2013.